



MEMÓRIAS E DIREITOS: MORADAS E ABRIGOS EM BRASÍLIA

ctrl shift 3 (numero pg. nostra)

Questione.

fica ou não em
branco?

Nancy Alessio (NECOIM) : ²necoim2@gmail.com

Adrianna Setemy : aSetemy@gmail.com

Reitor da Universidade Brasília
LAURO MORHY

Vice-Reitor da Universidade de Brasília
TIMOTHY MARTINS MULHOLLAND

Decana de Extensão
DÓRIS SANTOS DE FARIA

Diretor do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
NIELSEN DE PAULA PIRES

Governador do Distrito Federal
JOAQUIM DOMINGOS RORIZ

Secretária de Estado de Cultura
MARIA LUISA DORNAS

Secretária-Adjunta de Estado de Cultura
ÁUREA ERVILHA

Diretor da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico
FRANCISCO DE ALMEIDA FILHO

MEMÓRIAS E DIREITOS: MORADAS E ABRIGOS EM BRASÍLIA

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)

Memórias e direitos: moradas e abrigos em Brasília / organizadoras, Nancy
Alessio Magalhães e Marta Litwinczik Sinoti.— Brasília: NECOIM,
2001.
56p. : il. ; 21x21cm.

Publicado por meio do Convênio de Cooperação e Intercâmbio nº 002/98 firmado entre a Universidade de Brasília (UnB) por meio do Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória no Centro-Oeste (NECOIM) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) e o Governo do Distrito Federal (GDF) por meio da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico (DePHA) da Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal.

ISBN: 85-230-0633-8

1. Brasília – História. I. Magalhães, Nancy Alessio. II. Sinoti, Marta Litwinczik.

CDD 918.174

MEMÓRIAS E DIREITOS: MORADAS E ABRIGOS EM BRASÍLIA

Nancy Alessio Magalhães
Marta Litwinczik Sinoti
(organizadoras)

NÚCLEO DE ESTUDOS DA CULTURA, ORALIDADE, IMAGEM E MEMÓRIA NO CENTRO-OESTE (NECOIM)
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS MULTIDISCIPLINARES
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL (DePHA)
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL

Brasília, abril de 2001.

Apresentação	
Desafios de uma história polifônica de Brasília	9

Histórias e memórias de experiências

Seu Gabriel	11
Seu Maia e Dona Aparecida	14
Seu Cabeça	18
Dona Rita	21
Dona Raimunda	24
Seu Ataíde e Dona Josefa	26
Dona Caetana	29
Seu Galego	32
Seu Sebastião e Dona Ondina	34
Seu Nino	39
Dona Elena	40
Lourdes	44
Dona Albaniza	48
Efigênia	52
Créditos	56

*Nancy Alessio Magalhães**Marta Litwinczik Sinoti*

Fazer-se lembrar, ter sua imagem preservada para a eternidade é uma dimensão da experiência humana desde que o mundo é mundo, desde os tempos mais remotos e imemoriais. Mas o que se silencia, o que se relega ao esquecimento, o que se escolhe para guardar ou registrar, como, com quem e para quem se produzem e se preservam as diferentes memórias é um processo que passa por relações de poder.

Então, nada existe de conspiratório em se comemorar 40 anos de Brasília do ponto de vista do presidente que a fundou, do urbanista que a desenhou ou do arquiteto que projetou edifícios. Comemorar 40 anos de Brasília desses pontos de vista faz parte de um campo de disputa entre projetos de organizar a sociedade, que sempre existirá. Ocorre que, nessa disputa, alguns setores, que já monopolizam vários campos da experiência social humana, além da memória e da história, pretendem que apenas sua perspectiva seja veiculada e considerada como investida de legitimidade.

Não cabe substituir uma visão por outra, muito menos valorizar e/ou buscar a que seria, pretensamente, a mais verdadeira. O que se trata é de democratizar um pouco mais a discussão, é de evocar infinitamente outras vozes, outros saberes, outras imagens, outros espaços, outros patrimônios histórico-culturais, outros poderes menos visíveis, outras memórias e outras histórias. Porém, a mera multiplicação e visibilidade destes suportes e pessoas não garante esse esforço, porque rememorar e registrar a história significa lidar com seres de carne e osso, que constróem essas experiências, essas relações entre presente, passado e futuro, essas memórias e histórias, como seus protagonistas. Trata-se, então, de considerá-los como portadores de direitos sempre renovados, que emergem numa produção incessante de outros sujeitos em luta pela cultura, educação, saúde, moradia, transporte, pela vida...

São estas questões e princípios metodológicos que fundamentam as ações de pesquisa, ensino e extensão, em desenvolvimento por participantes do Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória no Centro-Oeste (NECOIM), do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM), da Universidade de Brasília, bem como as ações de pesquisa, educação e preservação da Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (DePHA), da Secretaria de Estado de Cultura, do Governo do Distrito Federal.

Assim, organizamos nesta publicação relatos de 17 moradores da Vila Planalto e Paranoá, com o objetivo de contribuir para ampliar a memória e história de Brasília e estimular a construção futura de infinitas outras versões.

No caso da Vila Planalto, estes relatos foram registrados, no período de 1992-1995, quando pesquisadores e professores, do anterior NECO, lá desenvolveram projeto de pesquisa, ensino e extensão com base em metodologia posta em prática na extinta Fundação Nacional próMemória. Desse trabalho, que envolveu professores da rede pública de ensino, pesquisadores e alunos de graduação e extensão da Universidade de Brasília, resultaram artigos escritos, dois documentários em vídeo (*Cadê Brasília que construímos?* e *Mãos à obra em Brasília*), devolvidos, entre outros, nessa localidade. Como continuidade e por reivindicação de moradores encaminhada através do Decanato de Extensão-UnB, esse projeto se estende ao Paranoá, a partir de 1995. No final de 1996, técnicos e pesquisadores do DePHA iniciam sua participação nessas ações, que são institucionalizadas por Convênio de Cooperação e Intercâmbio, em 1998, que tem como um de seus resultados documentário em vídeo sobre o Paranoá (*Memórias de cá e de lá*). Esse trabalho insere-se na linha programática de preservação do patrimônio histórico-cultural

do Distrito Federal, adotada pelo DePHA, que tem por base a preservação da cidade patrimônio mundial, considerando que dela também fazem parte os contextos histórico-sociais anteriores e posteriores à sua inauguração: as cidades goianas, acampamentos de operários e as outras cidades que hoje compõem o Distrito Federal.

Ainda que as duas localidades sejam originárias de estruturas montadas inicialmente para abrigar trabalhadores entre os anos de 1956 e 1960, as apropriações e criações dos espaços da Vila Planalto e Paranoá ocorrem de forma ora semelhante, ora diferenciada. No Paranoá, relações entre trabalhadores e goianos foram facilitadas pela proximidade de propriedades desses nativos da região, o que explicita a presença de outras pessoas, com outros projetos e referências histórico-sociais e culturais, que, assim, questionam o propalado “espaço vazio” que existiria antes da construção de Brasília. Não houve contexto possível para tal na Vila Planalto. Esta, por sua vez, tem seu tamanho reduzido ao longo dos anos, ao contrário do Paranoá, que amplia-se e é, hoje, uma das Regiões Administrativas do DF. Na Vila Planalto, moradores que conseguiram permanecer nos locais remanescentes dos acampamentos foram lá mantidos, o que não ocorreu no Paranoá. O tombamento como patrimônio histórico do DF se faz presente na trajetória das duas localidades. Na Vila Planalto, o tombamento se insere no processo de assentamento, que incluiu a participação de representantes dos moradores. Nesse processo, foram considerados o arruamento, as casas mais antigas, os espaços coletivos (campos de futebol, praças, alojamento de solteiros, Igreja Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, entre outros), sem perder de vista as necessidades de construção de moradias em condições de habitabilidade. Já no Paranoá, o antigo espaço do acampamento e os vestígios materiais que dele restaram — a Igreja São Geraldo e sua praça, as árvores frutíferas e os alicerces dos barracos — são defendidos pelos antigos moradores após a transferência da população para o outro local de moradia, contíguo ao original. Aquele antigo espaço é, então, transformado no Parque Vivencial do Paranoá e a igreja é tombada como patrimônio histórico.

Os relatos testemunham acontecimentos e, ao mesmo tempo, também expressam tensões, conflitos, sonhos, vontades, desejos; significados muito próprios de experiências singulares como legados a outras gerações. Buscamos, na textualização desses relatos, o olhar do memorioso, que se aproxima, roça e penetra os materiais da cultura, sem fazê-los perder sua intimidade, a atmosfera que os impregna; e não o olhar insolente, consumista, das coisas intercambiáveis, reduzidas à mercadoria.

Procuramos não deformar nem condicionar narrativas, editadas em tramas de lutas por abrigos e pela moradia. Nessas tramas de lutas estão frutos das mãos dos entrevistados, das mãos de outros pesquisadores e das nossas, com as quais transcrevemos, juntamos frases e períodos, retiramos palavras repetidas e perguntas, sempre com o cuidado de não distorcer os conteúdos de suas falas para que, nelas, esses sujeitos se reconheçam e possam ser reconhecidos. A fim de evitar reforço de preconceitos desqualificadores, que pesam como interdições aos seus direitos às diferentes linguagens, procuramos manter certas palavras e modos de dizer populares que se mesclam com outros falares eruditos, de acordo com a experiência de cada um.

Em ambas localidades as trajetórias são marcadas pelo esforço, perseverança e coragem desses sujeitos em conquistarem, pela moradia, sua dignidade como pessoas e cidadãos. Os relatos dessas experiências revelam, acima de tudo, como estes sujeitos se reconhecem como construtores de espaços que, por si só, não existiriam na história do DF ou de qualquer outra cidade.



SEU GABRIEL

Meu nome todo é Gabriel Balbino Nogueira.⁽¹⁾ Nasci no dia 15 de abril de 1927, na cidade de Santa Bárbara, Zona da Mata, Minas Gerais. Eu fiquei com duas madrinhas. Uma, mãe José, que me batizou por procuração e a outra que ia ser minha madrinha. Foi essa outra que me levou para o Rio e falou que ia me colocar num colégio, que eu ia aprender alguma profissão pra eu poder ajudar à minha mãe. Ela entregou esse encargo para uma madame lá em Copacabana, na Rua Toneleros. Essa madame me colocou num tal SAM⁽²⁾, que é quase uma escola correcional, praticamente, porque lá tinha meninos criminosos. Aí, minha madrinha foi me visitar no domingo e eu comecei a dizer como era lá. Ela pejejou pra me tirar mas não teve mais jeito. Aí, eu fui pro Patronato Agrícola Lindolfo Coimbra, em Muzambinho, Minas Gerais. Eu fiquei perdido lá parece

que três anos. Minha madrinha foi me visitar no Rio e eu não estava mais! Como é que era organizada a coisa, né? Eles não sabiam onde é que eu tava. Aí, minha madrinha começou a mandar cartas para todos os Patronatos. Tinha em Viçosa, tinha em Muzambinho, tinha em Caxambu, Ilha do Governador. Então chegou uma dessas lá em Muzambinho. A diretora me chamou: “Você vai escrever pra ela, dizer que você está aqui, vai escrever com o próprio punho” — que eu sabia ler, sabia escrever — “e vai dizer pra ela como é que você está.”

Eu estudava, inclusive na sala de aula, eu era o primeiro ou o segundo colocado da sala de aula! Eu tirei o diploma de segundo colocado, fiquei com muita raiva que eu não era primeiro. Eu fui monitor lá, eu tinha uma patente de capitão porque, modéstia à parte, eu era um dos mais inteligentes. Tinha uma disciplina, lá os meninos apanhavam mesmo. Eu tinha até pena. Lá eu pertencia a um coral, nós cantávamos naquelas praças, lá em Muzambinho, e nas praças também das cidades vizinhas — Guaxupé, Poços de Caldas. Acho que foi três, quatro anos que eu fiquei lá. Aí, não tinha mais estudo lá e me mandaram para o Rio de novo. Eu fui para a Escola XV de Novembro, em Quintino Bocaiuva.

A idade foi chegando, com 17 anos eu saí e fui trabalhar. Arranjaram um emprego pra mim, na Fábrica de Calçados Rival. Aí que surgiu a entrada para o Corpo de Bombeiros. Entrei pro Corpo de Bombeiros. Fiquei quatro anos, trabalhando direto mesmo. Não podia ter bigode, não podia casar, a coisa era rígida. Ganhava menos que o salário mínimo e era cheio de imposições, até na vida pessoal. Aí eu fui para Belo Horizonte. Trabalhei de confeitiro. Entrei na padaria sem saber de nada e passei a fazer todo o serviço de confeitaria, serviço fino. Eu não quis mais mexer com isso, porque eu achava isso um serviço muito delicado pra mim sabe? Aquele negócio de estar fazendo florzinha, eu disse: “Eu quero um serviço de homem, de macho.” Entrei na Rabelo como servente. Fichei na Rabelo no dia 19 de dezembro de 55, no Horto Florestal em Belo Horizonte, onde ficam as oficinas Central do Brasil, não sei se vocês conhecem Belo Horizonte? De lá eu fui transferido para Ressaquinha. Lá tinha uma pedreira, aprendi a quebrar pedra, realmente. Foi quando surgiu o serviço pro lado de

Goiás, que eles não falavam Brasília. O engenheiro falou assim: “Leonel, Gabriel, Zé Moura, vocês vão para Goiás, que nós vamos construir o Palácio do Governo em Goiás e vocês vão ensinar o povo de lá a quebrar pedra.”

Pegamos o avião no Aeroporto da Pampulha, descemos em Anápolis, ficamos um bocadinho de dias em Anápolis. De Anápolis pra cá gastamos 12 horas de viagem. Não tinha estradas aqui em Brasília. Aqui em Brasília não tinha nada. Só tinha ema, lobo, mutum, cobra. Só existia o cerrado e o céu; o céu azul e mais nada! Eu ficava parado pensando: “Como vai ser essa cidade? Como vão ser as ruas? Como vai ser? De onde vai vir a iluminação, o encanamento de água, enfim? Essa cidade vai ser igual ao Rio, a Belo Horizonte?”

Nós chegamos aqui dia 13 de dezembro de 56, assim às quatro, cinco horas da manhã. Olha que tem muitos anos hein?! Nós chegamos primeiro! Pra preparar tudo pra quando eles chegassem. Onde é que eles iam morar? Debaixo de uma árvore? Nós viemos pra fazer os acampamentos, pra quando viesse o pessoal já ter apoio, ter cantina, já ter alojamento pra dormir. Nós viemos pra construir o Palácio da Alvorada. Fizemos um barraco; naquele barraco morava engenheiro, médico, chefe, todo mundo embolado ali. Depois começamos a fazer outros barracos: barracos de solteiro, barraco de casado, escritório, almoxarifado. Quando eles chegaram, então, já tinha condições. Na época era uns 15 homens, depois é que liberou a vinda das esposas dos casados pra cá.

Primeiro eu trabalhava com pedra, depois o fiscal achou por bem eu ser apontador. Naquela época era quase todo mundo analfabeto. Eu, como já sabia alguma coisa, comecei como apontador. Era o encarregado de ponto. Cada categoria profissional tinha um apontador. Um apontador só pega de pedreiro, o outro só pega de servente. Eles traziam pra mim pra eu fazer o ponto geral.

Em final de 58 é que transferiu pra cá, quando houve necessidade de nós limparmos a área do Palácio, porque Juscelino vinha morar. Então, pra essa barracaiada não ficar lá em frente ao Palácio, escolheram a Vila Planalto. Viemos com os topógrafos, fechando com cerca o acampamento da Rabelo. Aí começou a fazer os barracos pra cá, desmontando eles do Palácio e montando aqui. Nessa época, só tinha a Rabelo e a Pacheco. O que acontece é que os alojamentos que foram feitos não deu pra todo mundo. O pessoal começou a fichar gente e coisa e tal. Antes disso, já tinha uma precisão lá no Palácio e tinha a tal Vila de Palha, feita de palha de buriti. Mudamos pra cá e aqui também não teve condições de alojar todo mundo nos acampamentos da Rabelo e da Pacheco. O que fizeram? Nessa época, o Lago não tava cheio ainda não, aí fizeram essa invasão, Vila Amauri, em homenagem ao doutor Amauri, que era da NOVACAP⁽³⁾. Botaram esse nome de Amauri, a turma, a peãozada. As empresas fizeram os alojamentos dentro do cercado do acampamento. Mas os próprios trabalhadores, os excedentes, foram morar lá na invasão e nisso vieram outras pessoas pra fazer comércio também.

Pegou origem Vila Planalto devido à empresa americana, a construtora Planalto, entendeu? Foi a que fez a estrutura do 28, a estrutura metálica de alguns ministérios e a que fez a montagem das turbinas da barragem. A construtora Planalto tinha o acampamento dela aqui onde é a Vila Planalto. Pra entrar tinha que deixar um documento lá na portaria com o guarda. Não se entrava aqui, assim, de qualquer jeito não. Tinha que perguntar com quem ia falar e deixar um documento. Era muito organizado, viu? Só entrava quem trabalhava mesmo. Tinha igreja, tinha dois clubes. Era muito movimentado aqui. O comércio que era a invasão. Faz muitos anos que acabou aquela invasão. Parece que foi antes de 70. Tinha tudo, tudo, tudo que se encontra numa cidadezinha. Tinha todo comércio, tinha ruas. Só não tinha prefeitura.

Foi a dita companhia americana que fez a montagem da estrutura do 28, é esse prédio do Congresso. Eles tinham que andar em cima das vigotas de ferro. Quando a sirene tocava, inclusive, é que tinha caído um. Toda hora que a sirene tocava, a não ser na hora do almoço, ou no término do trabalho, ou pra pegar no serviço, é que tinha caído um. Caiu muita gente aí, morreu muita gente. O negócio era acelerado, não tinha outro jeito. Tinha que ser acelerado devido à época mesmo. Até não vou dizer que as firmas não estavam certas, o negócio é que era a época mesmo. Não era igual agora, que tem segurança, o negócio era assim no chute! Pra dizer a verdade, eu como apontador, eu cheguei a usar Preventim, pra agüentar dia e noite trabalhando. Na Rodoviária, tinha gente que pegava tarefa de 100 horas e fazia a terefa num dia!

A GEB⁽⁴⁾ foi uns peões doidos que eles arranjaram aí! Botava farda, um revólver e um pedaço de pau na mão e saía batendo no pessoal aí. Bastava ser ignorante, valente e bruto para ser soldado da GEB. Podia ser analfabeto.

Isso aqui em 56, o Goiás, era praticamente desintegrado, não era? Anápolis que é a segunda cidade de Goiás, só tinha asfalto no centro. Com a construção de Brasília está o que está. Luziânia, ali na Rua do Santíssimo, não via ninguém na minha frente, a rua toda vazia. Quando eu olhava pra trás, tava todo mundo assim ó, com aquela janela assim, me olhando pelas costas. O pessoal não tava acostumado com gente de fora. Batizado, casamento, prisões, tudo tinha que ser ou Planaltina ou Luziânia. Aqui, onde tinha alguma coisa era ali, no Torto. Tinha uma fazenda ali, uma tal fazenda do Walter, que inclusive fornecia leite pra Rabelo. Planaltina eu conheci em 57. Nós trabalhávamos a semana toda e o caminhão nos levava à Planaltina pra passear. Então, nós íamos pra Planaltina comprar cachaça, comprar queijo, comprar rapadura. Aí, depois, os goianos foram chegando desses arredores meio, muito desconfiado. Aí foram se aproximando, aproximando... Aí já traziam queijo pra gente. Aqui era tão selvagem que nem essas moscas caseiras não vinham não! Nada que acusasse a presença de pessoas, assim, de cidade. Um pedaço de jornal, uma carteira de cigarro vazia. A gente não via nada disso aqui.

Parece que eles não queriam habitar muito Brasília. Parece que a idéia de Brasília não foi pra tanta gente assim. Foi forçado a ter cidade satélite porque o Plano Piloto não foi feito pra operários. Operário só morou em acampamentos. Naquela época, engenheiros, operários, de um modo geral, tudo era uma coisa só. Tudo era uma peça dessa grande engrenagem da construção de Brasília. Quer dizer, sem uma peça dessas não funcionava. Acho justo que fosse preservada a memória dos pequenos também. Porque só pegam por cima, não tem sentido. Eles podiam muito bem, em memória do esforço que nós tivemos, do sacrifício que nós fizemos aqui, nos dar a casinha pronta. Porque todo mundo que está aqui veio depois que nós amassamos o barro. Eu sou fêstemunha ocular da história de tudo que aconteceu em Brasília, porque eu tive oportunidade de registrar com a minha presença.

(1) Entrevista realizada em 1992/1993. Fotografia de Marta Litwinczik Sinoti. 1992.

(2) Serviço de Assistência ao Menor, similar ao que é hoje a FEBEM.

(3) Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, empresa responsável pela construção e administração das obras de Brasília entre 1956 e 1960.

(4) Guarda Especial de Brasília, força policial da NOVACAP.



SEU MAIA E DONA APARECIDA

Seu Maia – Meu nome é Nelito Vieira Maria.⁽⁵⁾ Eu sou nascido em 1939, em Monte Alegre de Minas.

Dona Aparecida – Sou Aparecida Cardoso Vieira, sou de 11 de novembro de 1943, Minas Gerais. Nós nos conhecemos porque meu pai tinha uma chácara, sabe?

Seu Maia – Uma chácara não, uma fazenda, município de Tupaciguara, num local por nome Confusão. Então, meu pai foi morar próximo lá, nós tocamos uma lavoura lá. E, então, moramos de vizinhos a eles, lá no fundo. Tinha um córrego, um riacho, chamava Santa Bárbara. A gente morava de um lado e eles do outro. Meu pai, como sempre viveu quase uma vida de cigano, não firmava em lugar nenhum. De lá, nós saímos para

uma região de Goiás. Ai, depois, em 1957, eles mudaram para Brasília. Em fevereiro de 1958 foi que eu vim também para Brasília, foi então o nosso reencontro. Nós nos reencontramos lá no Bandeirante. Deixa eu explicar a história direitinho: quando nós chegamos ficamos lá no hotel, era Hotel Bandeirante, também. Enquanto meu pai foi procurar o endereço do meu irmão, que era o João Alcântara, que já estava em Brasília, na Candangolândia, eu descí ali pela Avenida Central da Cidade Livre – na época era Cidade Livre. Ai eu vi quando ela e a mãe dela, Dona Negrinha, vinham subindo, vindo da Candangolândia. No primeiro dia que nós encontramos, eu já comecei a negociar com ela. Tinha gavião demais naquele tempo, mas parece que meu bico era mais afiado, eu consegui.

Como meu irmão transportava os trabalhadores num caminhãozinho, ele mesmo nos orientou que nós viéssemos pro Paranoá, porque no Paranoá ia construir uma usina, uma barragem. Tinha serviço pra muito tempo, tava precisando de muito trabalhador. No outro dia mesmo ele já nos trouxe pro Paranoá, já jogou nós lá na mina: “Agora cês se vira.” E no próprio caminhão, nós estendíamos uma lonazinha assim de lado, à noite, enquanto eu fui construir aquele barraco de papel, de saco de cimento, de sacos vários. Foi o primeiro barraco construído em Brasília, lá no Paranoá, naquele local da mina, onde está Seu Severino, que tá resistindo lá com a chácara.

Depois desse barraco lá, foi juntando mais algumas pessoas, mais algumas famílias. Essa mesma mina tomou o nome de Vila do Sapo. É aquela brincadeira, né? Algumas pessoas brincam, criticam a sinfonia do lugar à noite; o que se ouvia lá era sapo, perereca, grilo. A sinfonia do lugar era aquilo, a natureza. Ai, então, Vila do Sapo. Depois foi afastando essa Vila do Sapo e passou a ficar Vila dos Mineiros, por causa da nossa família, que ficou sendo acumulada ali. Tinha umas oito ou dez famílias. Dali por diante, já passou a conviver com muita gente de outros estados e então ia mudando, mesmo, bastante. Eu acho que por causa da migração foi mudando muito a visão das pessoas, já não ficou sendo só aquela Vila dos

Mineiros. A Vila Piauí é depois dessa época, já foi depois da barragem construída, que foi lá embaixo, do lado debaixo do aterro da barragem, que tava consciente que a barragem tava terminada e que não ia haver problema. Mesmo assim, ela sempre foi condenada. O resultado é que ela não pôde permanecer lá. Ela teve que sair de lá e acompanhar o novo assentamento, porque lá o local, não era propenso à vila.

Cada uma daquelas companhias, empreiteiras, se ela tinha, vamos supor, um contrato de construir alguma coisa, então é lógico que para ela adquirir o espaço, ela tinha que ter o agasalho, o abrigo para ter os operários. Então, as companhias faziam os alojamentos e entregavam pras famílias, uns que eram dedicados a famílias e outros dedicados para os operários solteiros, que comiam nas cantinas e dormiam nos alojamentos. Agora, eles falavam alojamento das famílias, porque era um barracão grande, mas dividido para cada família. O telhado era um só. Mas havia a divisão de família, em paredes também. Depois a Vila foi aumentada, aí passou a conviver muitas pessoas que não era funcionário das empresas, eles, por si só, faziam suas próprias moradias, já era independente. Algum era gato, pegava empreitinha pequena, vivia de alguns trabalhos, que não era contratado de empresa nenhuma. Então, era por isso que existia muitas moradas até mesmo de tábuas, barracos, eles conseguia fazer. Mas, no nosso caso, não. Nós ocupamos casa do alojamento até o último dia que nós saímos. A gente morou nesse barraquinho de papel, porque as companhias, naquela época, ainda não tinha feito os alojamentos. Conforme eu contei a história, uns 60 para 90 dias, não me lembro muito bem, depois que eu fiz aquele barraquinho de papel, foi feita a primeira casa de alojamento, foi cedida pro meu pai, Rua A, Casa 1, lá onde foi a minha recepção de casamento. Meu casamento foi uma maravilha!

Dona Aparecida – Ele ficou morando aqui no Paranoá e eu ainda estudava. Eu estudava lá no fundo do Jardim Zoológico, pra baixo da onde era o pátio da NOVACAP. O colégio era Júlia Kubitschek, era um colégio maravilhoso, muito bom mesmo. Era tudo diferente de hoje, a educação era muito perfeita, ensinava tudo a gente. Sete horas da manhã eu entrava e saía duas horas da tarde. A gente recebia alimento, almoço, tudo no colégio. Tinha muita atividade: tinha música, arte, fazia bordado. A professora deixava quase por minha conta, porque eu já sabia muita coisa. A gente fazia jornal, fazia uma equipezinha do jornal, cada um fazia uma redação. A gráfica era no Bandeirante! Era tudo barraco de tábuas, sabe? Não tinha nada de alvenaria. Fazia o jornal e a gente ia vender, vendia pra tirar pro colégio mesmo. A gente treinava as meninas do volei, treinava mesmo, era tudo uniformizado, tudo igualzinho. E a gente foi desfilar na W3 e depois foi cantar na Rádio Nacional, foi o Sete de Setembro. Era tudo perfeito. Aí a minha mãe mudou pro Paranoá, eu não pude estudar mais, não tinha escola ali. Depois é que formou a escola lá onde era o rio, de parecia com a barragem. Aí, em 60, eu casei. Nós não casamos aqui em Brasília, porque só tinha um cartório e era superlotado. Não conseguimos registrar o casamento aqui, nós fomos pra Luziânia. Depois é que foi evoluindo rapidamente. Antes de Brasília ser construída, no comecinho, aqui no Paranoá, só tinha os goianos mesmo. Não tinha casa, ali, pelo Paranoá mesmo, não tinha. O Seu Dudu mesmo, ele morava do outro lado do rio Paranoá. A gente ia buscar jabuticaba, manga, porque do lado de cá não existia dessas coisas, no começo. A gente ia buscar lá na casa deles, do lado de lá do rio, apanhamos amizade.

Seu Maia – Seu Dudu ficava do lado direito e, no nosso caso, fica do lado esquerdo do rio. Os moradores mais antigos começaram a usufruir melhor dos plantios deles vendendo as suas frutas para nós, lá na Vila e, então, por tudo isso, eles, por si, dizia onde moravam. A pessoa, no final de semana, ia fazer uma visita também neles.

Eu conheço a zona rural desde 1959, 1960, sempre gostei muito da zona rural. Mas eu freqüentei mais a zona rural foi depois do governo Jânio Quadros, foi em 65. Surgiu um grande desemprego, uma paralização da companhia e eu fui um dos que foi cortado; nessa época, eu trabalhava na CCBE, era tratorista na CCBE. E, então, eu passei a atuar com fotografia, eu passei a colorir fotografia. Nesse tempo, eu não entendia nada de fotografia, mas eu tinha uma inclinação pro lado de pintura e, naquela época, a fotografia era preto e branco. Descobri uma forma de colorir fotografia, a pincel. O pessoal passou a gostar muito daquele negócio e foi o meu forte. Ali, no Bandeirante, eu trabalhei colorindo fotografia no meio da rua, colorindo pra todo mundo ver, uma arte mesmo exibida. E aí o pessoal começou a me procurar: “Mas você não tira fotografia?” “Não, eu não tiro, eu não tenho máquina.” Então enxerguei a necessidade de comprar uma câmera. E comprei uma câmerazinha seis por seis, daquela marca Lubitel, e comecei a bater umas chapas e comprei livros para estudar a química, o laboratório, tudo. Aprendi tudo direitinho e comecei a fazer fotografia, daí por diante virei o fotógrafo mesmo. Até hoje. Por causa da gente ter vivido a infância quase toda na zona rural, então a gente não esquece. Passei a visitar os moradores mais antigos, fazer negócio com eles, troca de fotografia com algumas coisas que eles tinham. A convivência com eles sempre foi dessa forma.

Dona Aparecida – Ele vendia quadros de santos, a gente montava e ele saía: “Vou vender nas chácaras.” Tirava fotografia e vendia os quadros. Chegava lá na casa do Seu Antônio Calado, era calado mesmo, não tinha conversa. A mulher ficava, mas ele ia pro quarto, ninguém via mais. E os meninos, era muito menino, só via o rostinho deles, assim, de esguia, olhando pelos buracos, sumia tudo. Podia tá tudo no terreiro, quando chegava uma pessoa, sumia tudo. Só a mulher que ficava, ela que era mais ativa, Dona Teresa.

Seu Maia – Eu acho que eles se sentiram um pouco perdidos, mais por falta de orientação de técnicos do governo, que pudesse orientar eles melhor nessas questões fundiárias. Porque, a princípio, eles achavam que, com a chegada do Distrito Federal, tinha acabado tudo. Ninguém ia mandar mais em nada, era o DF mesmo, acabou, acabou. Então, muitos deles abandonaram, venderam de graça. Assim como Seu Dudu mesmo, vendeu a antiga fazenda, o direito de herança que ele tinha, que era do outro lado do rio Paranoá. Hoje é do Seu Oscar e é aquele causo: ele vendeu, mas, como ele sendo uma pessoa de agricultura, ele não conseguiu sobreviver de uma outra forma. Ele invadiu terra, apossou de uma terra. Eu acho que ele tem todo o direito, porque ele apossou uma terra, tem os seus direitos de posse, a posse correu mansa e pacífica e, hoje, ele tá na posse dele com todo o direito, pelo que eu reconheço. E não só ele, como os outros, também. Seu Sebastião de Souza e Silva, também aconteceu a mesma coisa e todos da família deles aconteceu da mesma forma. O Seu Ranulfo, Seu Dudu, eu tive que tomar uma decisão, assim, eu não sei se foi uma decisão bonita ou feia. Como todos os goianos antes de Brasília, eles criavam o gado à vontade. Faziam aquele pastinho na porta de casa, só pra prender um bezerro, o resto do gado era solto. Então, aconteceu que Seu Ranulfo achou que dava pra continuar naquele mesmo ritmo, ele achava que podia criar o gado solto. Mas chegou a um ponto que não dava mais. E eu queria mostrar para ele a forma de vida que a gente tinha que proceder. Assim, eu segurei esse gado dele aí uns 60 dias, era quatro cabeça. Teve alguém da família dele, o Hélio Goiano, que veio aqui e falou: “Maia, como é que nós faz? Ele é meu padrinho e você é meu amigo e ele reclamou da situação.” Eu falei pra ele: “Ó, pode ficar tranquilo, o gado vai ser devolvido.” Quando ele já tinha reconhecido, peguei o gado, levei, toquei, botei no curral dele. E ele aceitou e ficou tudo certo.

Dona Aparecida — Eu e ele tivemos a idéia de fazer a casa de pedra na nossa chácara, no Boqueirão. O homem arrancou o barraco que era nosso e carregou, o homem da encrensa aí, das terras, que quer tomar as terras. Aí ele veio, desapropriou aqui, arrancou nosso barraco de madeirite, bem feitinho, carregou e fez lá na casa dele e nós ficamos sem nada. Aí, a gente ficou pensando o que íamos fazer. Falei: “Vamos começar logo definitivo, porque nós ganhamos a questão. Nós temos a liminar para tomar conta da terra, a liminar do juiz.” Começamos a fazer a casa e ele trabalhando lá com as fotografias. Eu e mais o menino mais velho carregávamos a pedra numa éguazinha. Ele pagava um pedreiro para fazer as paredes. Foi até que construímos do jeito que está aqui.

Seu Maia — Eu tive essa idéia porque eu analisei foi o seguinte. Assim como se trata de um direito de posse, então a gente tem que demonstrar uma coragem de trabalho, coragem de boa fé. Se eu ficasse aqui, toda vida, envolvido dentro de um barraquinho de tábua, barraquinho de madeirite, acho que não dava pra confirmar, não dava pra acreditar que a gente realmente tava com a intenção de prosperidade. Então, foi o que fiz, a gente tá aqui até hoje. São 360 hectares todo fechadinho, todo cercado de arame. E se Deus quiser, quero enterrar meus ossos por aqui mesmo.



(5) Entrevista com o casal realizada em 1997. Fotografia de Nancy Alessio Magalhães, 1997.



SEU CABEÇA

Sou Antônio Amâncio Filho⁽⁷⁾, nasci em 16 de janeiro de 1936. Fui documentado em outra cidade, porque eu nasci numa cidade por nome Areia de São Sebastião, no estado de Pernambuco, mas os meus pais mudaram para Paraíba, cidade de Campina Grande. De lá eu saí, fui pro Rio de Janeiro, com a idade de 11 anos. Do Rio de Janeiro pra cá. E aqui estou, Rua Pernambuco, Casa 6, Acampamento Rabelo, Vila Planalto.

Eu era empregado e me transferiram pra cá pela Construtora Nacional. Eu era marceneiro. A mina d'água era onde é hoje o Iate Clube. Ali tem uma mina d'água muito bonita e lá embaixo era tudo forrado de cristal. A gente via aquelas pontas de cristal brilhando, assim, a gente pulava na água pra ver se chegava onde estava aqueles cristais. A força da nascente era tão forte que você não conseguia chegar lá embaixo. Você tinha que subir na árvore, amarrar um saco de areia nas costas, pra fazer peso, pra ver se chegava nos

cristais e não conseguia. Rapaz novo, naquele tempo, né? Então, ficávamos nessa tentativa. Nunca ninguém conseguia chegar embaixo. Depois que o Lago encheu, cobriu.

Onde é hoje a Asa Norte, lá era mato, esse cerradão, cultura como eles dizem. Como hoje, ainda tem árvores grandes, como essas daí – tá vendo aquela árvore ali? Você vê, lá era quase tudo desse porte, assim, bem mais fechado... que agora a gente já cultivou e não tem mais tanto. Então, como isso era muito bonito e a gente não tinha outra coisa a fazer, tava caçando, aí subia nas árvores pra olhar. Eu, por exemplo, o meu desejo era ter uma casa lá... Sempre eu pensava: “Se um dia eu pudesse ter uma casa aqui pra mim, seria tudo na vida!” Porque de lá você via toda essa vastidão que você vê, assim. De lá se vê quase tudo isso aí, trepado na árvore. Lá era como se você subisse, digamos lá naquele primeiro pavimento da Torre de Televisão, começasse a olhar Brasília, sem esses prédio alto aí, com todo mato que tem, que tinha, antigamente, era bonito demais! Muito bicho: era veado, seriema, anta, capivara, tudo é bicho que tinha aqui.

Naquela época, trabalhava, totalmente, digamos, desprevenido. Desprevenido de qualquer tipo de segurança. Um prédio desse aí, com 28 andares de altura, a gente trabalhando livremente, como está aqui, andando pra todos os lados, assim, sem nada de proteção. A proteção era só o chão, se caísse lá embaixo, como eu vi morrer alguns companheiros que estavam trabalhando no 28, nesse 28, Anexo 1, Senado. Eu estava no 23º andar, o camarada no 22º, batendo os pinos de travamento dos ligamentos. Então, quando ele puxou a marreta pra bater, assim, a marreta foi pra lá, o cabo pra frente e ele desceu rolando e bateu lá embaixo no asfalto. Mas, nesse tempo eram os americano que faziam, imediatamente eles cobriram, não deixou ninguém mais ver. Mas, assim mesmo, deu três dias de feriado pra gente. Ninguém subiu no prédio.

Eu mesmo, por uma vez, no 28º andar, eu tomava conta da turma. Pra poder facilitar uma passagem, que era dentro do escoramento, eu fui passando por detrás da coluna. Quando eu botei a mão na escora, ela tava solta. A escora desceu, só caí pra dentro da obra, assim... Eu fiquei mais ou menos uma meia hora sem poder levantar, de tanto medo que eu tive! Os outros companheiros... Ó! A turma tudo meteu a mão na cara, pra não ver eu descer! Porque não tinha como não descer! Só Deus! Escapei por um milagre de Deus! Eu trabalhava nesse tipo de serviço.

Eu mais uma turma, a gente ficou do dia 17 até o dia 21 lá dentro do Congresso, sem poder sair, trabalhando, fazendo acabamento do plenário do Congresso, pra poder deixar pronto, porque tinha que inaugurar, de qualquer forma! Comia, vivia, bebia, tudo ali dentro. Então, quando foi dia 21, que fez a inauguração, foi a coisa mais linda que eu já pude ver na minha vida! Mas, ora eu assistia, ora eu perdia, porque aquela coisa fugia da mente... Esclarecia, assim... Mas, até que enfim, à noite, foi a maior claridade de fogos que eu já pude ver na minha vida! E todo tipo de enfeite, que saiu nessa inauguração de Brasília! Aí deu gosto de ver aquilo! É a mesma coisa que você ser... muito pobre, passando fome, de repente, enriquecer, ficar rico, ter tudo que você quer na vida. O sentimento era nesse sentido! Feliz!

As ordens eram muito cruéis. Você tinha horário rígido de entrada e saída, você não podia trazer nada estranho, sem que antes passasse pelos guardas e pra gente poder ter um pouco mais de liberdade... vamos apelar pra invasão! Muitas pessoas, então, criaram a Vila Amauri. Era bastante gente nessa região, bem nesse fundão aí, perto do Palácio, aí mais embaixo. Como o Lago teria que encher, como de certo encheu, essas casas iam ficar cobertas. A metade desse pessoal, da Vila Amauri, eles colocaram pra Sobradinho, Planaltina e uma parte no Gama. Mas eu era solteiro, na época, não tinha direito de seguir o pessoal que foi tombado, pra fora. Então, o que eu fiz: eu e mais algumas outras pessoas que não tinham direito, que não podiam ficar, fomos começar a fazer barracão onde começou a Vila Planalto, que era encostada à Construtora Planalto e à Construtora Nacional, encostada também à CBPO, que era uma companhia de terraplanagem que tinha. Hoje é de frente ali aos Fuzileiros Navais, tem uma carreira de poste, naquela direção ali. Aí morou muita gente, talvez uma quantia de gente dez vezes mais do que é hoje essa Vila Planalto, aí. Tinha barracão feito de pedaço de madeira, de tábuas, outros feitos de saco de cimento, folha de coqueiro, tudo tinha aí... Chegou ao ponto de pessoas virem de Anápolis, pra botar comércio. Você vê, que os maiores, essas grandes casas que tem em Taguatinga, é originário da Vila Planalto. Então, aqueles mais ricos eles levaram pra Taguatinga. Os mais pobres levaram pra Sobradinho e Gama. Foi quando eles destruíram a Vila Planalto, em 64. Nessa ida nós levamos pro Gama também. Mas quando chegou lá, com esse problema de ser solteiro, de não ter direito, me tomaram meu barraco. Voltei eu pro meu alojamento de solteiro, novamente, na Construtora Nacional, que era um quarto que eu tinha direito, sempre tive lá. Eu saía pra fora, mas o quarto permanecia, o direito de moradia lá. Aí, tornei a voltar pro meu quarto e ali fiquei. E até que, hoje, ganhei minha casa aqui na Vila. Isso aí, Vila Planalto, é pra ninguém poder vender. Então, logo pensando que todo homem ia pegar e vender, porque é um lugar muito valoroso, aí o que fez? Colocou no nome das esposas e não dos esposos. São poucos os homens aí que tem terreno no nome deles. Então, eu posso me considerar sem nada!

Passsei por tudo isso. Dei, digamos, toda minha juventude, aí, todo o meu trabalho, toda minha existência, que já estou um cara, assim, bastante maduro, com saúde acabada, de tanto trabalho. Mas não tenho nada a não ser essa casa que eu tenho agora na Vila Planalto, que ainda não é minha, é da minha companheira. É em nome dela, eu não tenho nada!

Então, que futuro fiz eu nisso aí? O solteiro não tinha direito, podia ter o dinheiro que tivesse, não tinha direito de comprar um lote aqui em Brasília. Eu, por exemplo, em 1959, eu tinha dinheiro que dava pra comprar, talvez, dois ou três lotes na W3. Mas não podia comprar porque era solteiro. Poderia comprar três, quatro lotes em Taguatinga, no Gama... ou Sobradinho. Mas não podia, porque era solteiro. Quer dizer, tinha o dinheiro mas não podia comprar uma propriedade, tá me entendendo? Só se tivesse uma família, ou uma dependente como mãe, mas tinha que tá com ela ao seu lado, pra então provar, porque se fosse só documento, não provava.

Durante os governos militares tinha que ficar de bico fechado. Você não podia conversar, não tinha que andar em grupos, em dois, três. Era sempre só, solitário. Como vocês estão aí? Ah! A polícia já vinha, metia o cacete pra espalhar! Que hoje a gente pode falar, dizer o que bem quer. Quer dizer, que agora eu não tô mais nem ligando, tô velho mesmo. Digamos que venha um regime que não quer deixar falar, eu falo! Você me mata, mas eu falo! Mas naquela época, eu tinha medo, porque novo, queria viver, ver as coisas pra frente. Mas, agora, já vivi duas vidas, não tô nem aí!

O mandiocal é a coisa que me faz viver ainda na Vila Planalto, né? Pelas seguintes razões: primeiro, quem planta, colhe; segundo, aqui, quando eu estou trabalhando, eu tô livre de qualquer tipo de pensamento traiçoeiro ou maldoso e tô vendo as coisas crescerem, dia a dia, produzindo. E, mais a mais, a coisa é muito bonita! Agora não, porque tá tudo seco! Mas quando chega novembro, dezembro, isso aqui é mais lindo do que se pode imaginar! Porque tem tudo que você pensa em coisas verdes que a gente come: milho, feijão, mandioca, quiabo, abóbora. Todas essas coisas a gente tem aqui! Tudo! É bonito demais! Ah! É que a gente conversa com a planta. Você, tudo que você vai fazer, você tem que falar pra planta, que ela tem que crescer, produzir, porque é parte sua! É como se você tivesse ensinando um menino a viver! Quando menino, eu vi pai fazendo. Aprendi um pouco com ele. Depois disso, eu fiquei muito tempo mexendo com negócio de arte: carpinteiro, marceneiro, torneiro mecânico... E de 82 pra cá foi que eu comecei a mexer com esse negócio de plantação, aqui. Isso é do governo, é uma área verde do Palácio aí. É, não foi proibido. Então, a gente começou plantando e cultivando e tá aí.



DONA RITA

Meu nome é Rita Alves dos Santos.⁽⁸⁾ Eu nasci... em Olhos D'Água das Flores, estado de Alagoas. Eu sei que foi no dia 19 de março de 1920... ainda me lembro bem! Tem muita coisa que eu ainda me lembro, outras estou ficando esquecida. Eu nasci e me criei lá. Lá eu me casei, lá me batizaram, lá fui crismada e vivi lá durante muito tempo. A primeira viagem que eu fiz foi pra Brasília, eu vim em 59. Quando eu cheguei, eles não tavam fazendo a barrage ainda. A gente morava numa favela, assim, uma invasão, dentro do Lago Paranoá. Tinha a largura daquele Lago. Não vê a largura do Lago? Pois ali era a largura de nossos barraco, que era tudo ali dentro. O córrego era estreitinho. Tinha uma rua de barraco de um lado e de outro e o córrego passava no meio. Era Vila Parafuso. Sabe por que é que se botou o apelido Vila Parafuso? Porque os barraco era reforçado de papel e de jorná e quando dava um vento, carregava aqueles papel e fazia parafuso no ar. Aí

o povo botou o apelido de Vila Parafuso. Quando começaram a tapar a barrage, aí os morador foram se mudando, a água tava aprumando, tomando os barraco. Aí nós mudamos de lá pra outra vila, Mineira, só tinha gente de Minas. A Vila Mineira ficava mais pro alto, a água não chegava lá. A Vila Amauri está coberta pelo Lago, a Vila Parafuso também ficou dentro desse lago. Só a Vila Mineira que não, que era também chamada Vila do Sapo. Eu conheci a Vila Piauí. Tinha tanta gente morando lá embaixo na Vila Piauí, que vieram tudo aqui pra cima, tá tudo aqui em cima, no Paranoá Novo.

Quando nós chegamos aqui tinha gente demais. Quando eu cheguei aqui, onze horas da noite, já tinha um home que morava na Vila Parafuso e que se acamaradou com a gente, em Anápolis, e veio com nós e trouxe nós pra casa dele, na Vila Parafuso. Nós ficamos na casa dele uns três mês e o meu marido sempre procurando emprego. Ele vinha pros alojamento, passava os dia na cantina trabalhando, descascando batata, fazendo comida, mas desempregado. Aí o engenheiro foi, botou ele na casa dele pra trabalhar como vigia. Ele ficou trabalhando na casa do Seu Oto como vigia até que Seu Oto foi e fichou ele na NOVACAP. Os alojamentos iam como daqui naquela rua de lá, de quarto, desses solteiro e dos casado que não trouxeram família. Agora, os que trouxeram família, todos arranjaram barraco pra morar. Os alojamentos eram assim de home. Tinha mais home do que mulé. Então tinha muito home, mas muito home. Mas, também tinha muita mulé. Na beira do córrego ficava mulé lavando roupa e as latas fervendo na beira do rio, pra ferver os macacão, pra tirar aquele óleo. A gente saía pra dentro, pros lados, caçar fruta nos mato, aquele rebanho de mulé.

A vizinhança era ótima. Parecia uma irmandade. Tudo bem unido, as pessoas bem unida. Os barraco era assim: tinha umas três ou quatro companhia trabalhando aqui embaixo, no Paranoá. Tinha a Camargo Corrêa e tinha a Portuária e tinha a Rabelo, tudo era companhia. Pegava aquelas empreitadas. Terminava aquele serviço, elas iam embora e os barracos deles iam ficando desocupado e aí o chefe da NOVACAP ia dando pros morador deles, pros trabalhador que era

fichado com eles. Até que botou todo mundo dentro do acampamento. E foi assim que eu ganhei o meu. E o barraco, era especial, que era pra engenheiro, todos forrado, todos cimentado direitinho, tudo asseado. E cada engenheiro daqueles tinha duas empregada, uma pra cozinhar e outra só fazia faxina. Tinha os alicerce de tijolo até certo meio, dum certo meio pra cima já era tábuas. Não tem mais nenhum, mulé! Arrancaram tudo!

Só trabalhava! Mas, nos alojamento era uma bagunça que ninguém nem podia dormir de noite. A homaria tocando sanfona e violão. Tinha uma turma que trabalhava no dia e tinha outra turma que trabalhava de noite. Dinamite eles usava demais pra quebrar pedra. Furava que furava pedra. Cada uma pedra enorme e colocava dois ou três coisa de dinamite naquela pedra, botava fogo, estourava. Quem morava lá, bem nas pedreiras, é quem sabe.

O mais importante pra mim, dessa época, foi a mudança da Vila Parafuso pro acampamento. Isso marcou em mim muito, porque na Vila Parafuso eu não tinha moradia e morava nas casa dos outros, agüentando abuso dos outros, que deu de eu sair chorando com a mala e ficar no mato, debaixo de um pé de lobeira, até o marido arrumar um lugar pra me colocar. E daí, quando eu saí, que vim pro acampamento, aí melhorou minha vida. A mudança foi boa porque ganhei uma casa boa e o homem pegou gosto, comprou os móvel, comprou cama, comprou o guarda-louça, comprou fogão, comprou tudo, arrumou a casa direitinho. E aí gente ficou morando muito bem. E aí formemos a igreja, porque a igreja foi feita pelos morador, trabalhador da NOVACAP; a NOVACAP deu todo material e os morador fizeram a igreja. Trabalhava home, trabalhava mulé, trabalhava tudo.

A senhora quer que eu lhe digo a verdade? Eu não sinto saudade nenhuma da minha vida no Norte. Porque era uma vida de pobre, uma vida de sofrimento, uma vida que a gente não tinha o que a gente tem hoje. O dinheiro que a gente ganhava pra gente comprar uma roupa, um calçado, uma coisa, tinha que comprar mantimento! A gente era muito pobre, pobre mesmo. Que eu vim melhorar minha vida, depois que eu casei com esse velho. Todo mundo ignorava, porque ele tinha 41 anos e eu tinha 21. Esses 21 ano era de sofrimento, trabalhando na roça dos outro, trabalhando nas roça da gente, sem gosto de andar, sem ter com que sair. Às vezes uma amiga convidava pra ir a um baile, uma festa de casamento, uma novena, e eu não ia, porque não tinha um calçado, uma roupa. Era sofrimento. Eu não vou me lembrar de um tempo desse com alegria, eu me lembro com tristeza. Ele morava lá numa fazenda, mas repara bem: a filha do patrão era apaixonada por ele. E ele não se apaixonou por ela, se apaixonou por mim, porque gente do trabalho... quem é trabalhador se interessa por gente que trabalha. Ele via minha luta, não ia casar com uma grã-fina pra botar dentro de casa, porque não podia botar uma empregada pra ela. Aí a gente casou. Eu fui morar na minha casa, agora, aí, a vida melhorou mais.

Ele trabalhava com muito trabalhador. Eu tinha que cozinhar pra aqueles trabalhador tudo. Almoço e janta e tirar leite de vaca. Levantava cinco hora da manhã pra tirar leite das vaca, roer milho pra fazer cuscuz, pra dar almoço a trabalhador. Trabalhava que só burro de carga, trabalhava que só burro de carroça. A minha luta era essa.

Olhe, eu vou dizer uma coisa pra senhora. Quando foi dele resolver vim pra Brasília, eu ocupei até o delegado pra dar conselho a ele, pra prender ele, pra não deixar ele vim pra Brasília. Nem precisava. Se era um que queria vim pra Brasília, porque queria morrer aqui e deixar a gente sem nada, o meu marido foi um. Porque tinha vaca de leite, tinha quatro boi de arado, dois arado – que arado corta a terra com boi – tinha dois cavalo de sela, bom. Uma feira ele ia num cavalo,

outra feira ele ia noutro. Uma égua boa dando cria todo mês, um jumento de lote, que ele alugava até o jumento pras outras fazendas. Tudo isso ele tinha. Chiqueiro de porco, ele criava porco. Nós criava tanto porco, que o chiqueiro era grande assim, era cheio daqueles porcão gordo. Ia pra feira, ia pro armazém vender mantimento, vinha os caminhão pra levar a carrada. Carrada de feijão, de arroz, de milho, de algodão. Algodão ele vendia dum ano pro outro. Vivia bem. Que quando foi pra ele vir pra aqui — ô gente — eu chorei tanto, quase eu morria de chorar! E ele vendeu a casa, o terreno, chamam de porteira fechada, porque não tira nada, né, vende com tudo. Encheu o bolso de dinheiro e fomo simhora. Eu chorava o caminho todo. Eu chorava como ema...

Saímo de caminhão. Fomo pra Palmeira dos Índios, na terra que planta os fumo, Arapiraca. Ficamo em Arapiraca um ano. Esse homem só bebendo e caminhando, gastando dinheiro, sem trabalhar de nada. Eu acho que, desse tempo pra cá, eu perdi a idéia um pouquinho. A minha idéia não tá mais certa como era não, eu perdi a metade. De tanto chorar, de tanto arrependimento. E só acompanhei ele porque não tinha mãe pra eu ficar. Não tendo uma mãe pra confiar, ajeitar, sofre demais. Com a vida de gente pobre, ingnorante, pior. Andemo... Passamo em Arapiraca, não deu certo. Viemo pras Alagoas outra vez, pra nossa terra. Chegando na nossa terra, foi só se despedir dos vizinho, dos amigo, de tudo e aí peguemos um caminhão, toquemo pra aqui. No caminho ele queria ir pra Paraíba. Eu disse: “A Paraíba? O pessoal da Paraíba já desce de lá pra baixo porque lá tá seco, não tem nada, e você quer ir pra Paraíba? Vamo pra Brasília.” Eu já queria vir, porque já que a gente vendeu tudo, esbagaçou com tudo, não tinha mais jeito de ficar morando pra lá. Assim, vamo procurar o destino, vamo pra Brasília. Quando chegamo lá no meio do mundo, ele resolveu ficar no Maranhão. No Maranhão deu bom, porque Seu Daniel, fazendeiro, deu uma fazenda pra ele trabalhar. Fiquemo no Maranhão nessa fazenda. Nós fiquemo três ano. Era um arroz danado que ele produzia.

Findou a safra, que ele tirou tudo, vendeu tudo, aí eu digo: “Agora nós vamo pra Brasília.” Fomo pra Carolina. Chegamos em Carolina, fiquemos oito dias, comprando objeto, comprando roupa, arrumemo tudo. Aí pegamos o motor e toquemo pra Brasília. Chegamos em Anápolis, Anápolis é uma cidadezinha velha, assim meio acabada. Pode tá boa agora, nesse tempo era uma cidadezinha velha. De Anápolis viemos pra Brasília. Já viemos mais um homem conhecido. O homem morava na Vila Parafuso, quebrando pedra, e trouxe nós pra casa.

E agora, nós andamo, andamo, andamo. Agora chegamo em Brasília, cadê Brasília? Procuramo Brasília... E eu procurando Brasília. Cadê Brasília? Cadê Brasília? Eu achává que ia encontrar uma cidade bonita, animada, que era um movimento danado, só se falava em Brasília, no rádio, tudo, só se falava em Brasília. Quando chego, cadê Brasília? Onde é Brasília que ninguém vê Brasília? Só era mato! Só era mato, mato, mato. Não tinha nada de moradores, só mato. A moradia que tinha era só de Juscelino, o Catetinho, que casa não tinha. Falava que tava dando muito dinheiro, tavam construindo uma barrage, tavam construindo um plano, uma rodoviária. E construindo isso e construindo aquilo e daí a juntar gente e aí o pessoal se endoideceu e se vieram todo mundo. No Norte não ficou ninguém, veio embora todo mundo pra Brasília. Porque em Brasília tinha gente que era assim: um punhado de gente de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Ceará, Minas, Maranhão. Tava todo mundo aqui em Brasília. Tava tudinho aqui em Brasília.



DONA RAIMUNDA

Eu sou pernambucana, nordestina, Raimunda Adelino de Souza.⁽⁹⁾ Nasci no Pernambuco, cidade de São Vicente do Itapeti, São José do Egito, em 23 de maio de 1924, eu sou velha. Fiquei lá no Nordeste até 61, aí vim pra cá, pra Brasília. A gente morava num sítio, não era mesmo na cidade, era perto. De tudo plantava, as roças lá eram muito grandes. De tudo tinha: milho, feijão, algodão, agave pra quem tivesse força. É uma folha comprida, assim, com espeto na ponta. Aquilo era pra fazer fibra, tinha aquelas maquininhas de fazer fibra, fazia de 10 quilos, 20 quilos, 5 quilos. O caminhão comprava pra vender pra fazer corda, rede, calçado, era um serviço pesado. Pessoal todo pobre ganhava dinheiro com agave. A palma era pra dar ao gado, pra dar à criação de cabrito, porco. Ela é cheia d'água, o gado que comia nem precisava de beber água. As festas, não tinha esse negócio de radiola. Era

sanfona, você conhece? A roupa, minha filha, nós tinha só pra ir à festa. Quem fosse com roupa branca era mais decente que tinha. Até hoje eu sou iludida com roupa branca, pra mim é mais elegante do que roupa preta. Essa roupa preta que o povo usa hoje, eu já me acostumei, mas eu achava esquisito. No Norte usava quando morria uma pessoa. Meu trabalho lá era só de casa e costurar. O que eu fazia era costurar, costurava direto; criei meus filho costurando.

Quando começou Brasília e saiu no mundo a conversa de Brasília, todo mundo queria vir pra Brasília, pra ganhar dinheiro. Lá não tinha ganho de dinheiro não. Tinha fartura, mas dinheiro era mais difícil, juntava coisinha assim, de ano em ano, quando vendia rapadura. E todo mundo que queria fazer alguma coisa e não tinha dinheiro, vinha trabalhar em Brasília, pra voltar e se fazer lá. Aí meu marido veio, porque muita gente já tava vindo pra cá. Não, não tinha rádio não mulher! Era gente que já tava aqui no começo e ia pra lá e avisava. Nesse tempo não tinha estrada. Era dez dias com dez noites pra chegar aqui em Brasília. Aí ele falou que queria vir pra Brasília. Mas eu tinha vontade de comprar uma casa, porque a gente morava no sítio. A casa era uma casinha de taipa — cê deve saber o que é — e eu tinha vontade de morar na cidade e ter uma casa boa. Ele disse: “Eu vou pra Brasília trabalhar, pra gente arrumar dinheiro pra comprar uma casa na cidade.” Ele passava poucos meses e ia em casa. Todo mês ele mandava dinheiro, que era pra eu arrumar as roças lá e botar gente nas roças. E eu não tinha máquina e ele queria comprar uma máquina de pé, porque eu tinha uma máquina pequeninha. O dinheiro pra máquina foi logo, o dinheiro pra roça ia todo mês. Quando deu a primeira, a segunda, a terceira vez que ele veio, aí passou um ano e oito meses sem ir lá. Aí foi só me buscar.

Quem não queria vir era eu. Eu achava que era muito longe. Nós deixamos a casa lá, pra quando arrumasse o dinheiro eu ir e levar o dinheiro pra pagar; já tinha escolhido, já tinha deixado pronto pra pagar, uma casa grande! Com um quarto de aluguel, um muro grande! Na entrada da cidade, São José do Egito. Ele foi e trouxe eu. Chegou aqui, eu tô toda

animada pra voltar, pra comprar aquela casa. Deu uns dias, ele conversando com umas pessoas, disse: “Nunca mais vou morar no Norte.” Mas me deu um desgosto tão grande!

Tinha o acampamento lá embaixo, no Paranoá Velho, que era dos trabalhadores de Brasília, era muito bonito. Água, luz, à vontade, de graça! Isso era no tempo de Juscelino, quando mudou Juscelino, acabou tudo! Lá no acampamento era melhor! Era tudo aberto, não tinha cercado, não tinha esse abafado não. O pessoal era tudo amigo. Parecia com roça não! Só que os quintais de lá – inclusive o quintal que eu morava – a gente ainda plantava batata-doce, milho, feijão, abóbora. Cada jaca deste tamanho! Ainda hoje tem lá os pés. Criava galinha também, tudo solta. Ali não faltava não, menina! Ali, quando amadurecia primeiro no quintal da gente, dava para aquele outro. E a gente vivia nessa troca. Era bom demais, tudo amigo. Todo mundo que morava lá embaixo ficou amigo. Nós ficamos todos amigos. Agora, quando mudamos de lá pra cá, pro Paranoá Novo, muita gente subiu. Tem uns que eu nunca vi. Aqui pra cima mudou muito. Todos daqui dessa quadra, Quadra 2, é que moravam ali embaixo.

Nesse tempo do Juscelino, não proibia nada! Nós fomos morar no alojamento, repartiram o alojamento do trabalhador. O da gente ficou só uma sala grande, mas aquela sala ali tinha o banheiro, tinha tudo. Era madeira, madeira muito boa. Quando era pra aumentar, chegava todo material. Chegou madeira, chegou cimento, chegou tudo, até os pregos! Eles davam tudo. Mas foi mudando, mudando, mudando. Quando bateu na TERRACAP⁽¹⁰⁾, quando tava a TERRACAP tomando conta, a gente não podia aumentar os barracos, botar nenhuma tábu, se eles não desse ordem. Aí passou a gente a pagar água, pagar luz, a fazer as casas.

Quando eu cheguei, em 61, a missa era celebrada num galpão, assim, do acampamento. Depois formaram a Igreja São Geraldo, encostadinha à casa da Dona Margarida. Mas quem fez, com a ajuda dos funcionários, foi a comunidade. O pessoal do acampamento fez uma vaquinha, me lembro muito. Meu marido tava acidentado e os amigos chegavam na janela, perto da cama dele e tavam arrumando dinheiro pra fazer a igreja. Pra ela ficar ali foi uma briga grande. Quando tiraram o acampamento queriam derrubar a igreja, aí não deixaram. Pra nós ela é muito importante. Muita recordação! Dos anos que moramos ali, que criamos nossa família ali, que batizamos nossos filhos ali. Deus ajuda que a gente veja nossa igreja arrumada. Porque isso é um patrimônio antigo! *

6

(9) Entrevista realizada em 1996/1997. Fotografia de Nancy Alessio Magalhães. 1996.

(10) Companhia Imobiliária de Brasília, empresa criada em 1973 com o objetivo de controlar o uso do solo no DF.



Seu Ataíde e Dona Josefa

Dona Josefa – Meu nome é Josefa Pereira das Neves.⁽¹¹⁾ Eu nasci em Afogados de Ingazeira. Sou de 47, sete de agosto. Sou pernambucana, mas vim morar na Bahia até os dez anos de idade. Morei em Paulo Afonso, depois viemos pra Brasília.

Seu Ataíde – Meu nome é Ataíde Pereira das Neves. Nasci na cidade de nome Taquaritinga do Norte, Pernambuco. Eu negociava com roupa, vendia corte de pano. Dava dinheiro, mas gastava muito. Solteiro, não tinha pensamento naquela

época. Mas minha vida era boa lá. Aí, foi um amigo meu daqui pra Pernambuco e eu falando que estava com uma vontade de dar um passeio. Falei com meu pai pra vir aqui em Brasília. Desses dois meses que eu vim passear aqui, só voltei lá em Pernambuco com dez anos que tava aqui. Cheguei em 11 de fevereiro de 59.

Dona Josefa – Meu pai fazia carvão. Ele cortava madeira, nós enfornalhava tudo num buraco. Aí, a gente fazia aqueles carvão. Quando esfriava, ensacava nos sacos pra levar pras rua, nas tropas de burro, pra vender. Era muito difícil. Eu passei muita fome, sede, foi muito sofrido. Pra cortar o azeite do imbu, a gente botava a cinza. Minha vida veio melhorar depois que viemos pra Brasília, na casa dos outros. Eu vivia de barriga cheia, comia muito arroz. Eu tava mais ou menos com 11 anos. Lá embaixo, no acampamento, não dava pra nós ficarmos, porque não tinha morada lá, não tinha madeira pra construir. Meu irmão trabalhava na cozinha da RODOBRÁS aí ele disse: “Papai, eu vou fazer um barraquinho pro senhor lá em cima.” Eles subiram, cortaram muito capim – que tinha muito capim – botaram o pau assim, encheram de pauzinho e danaram de capim dos lados e em cima. Quando tava época de chuva meu pai fazia um buraco bem fundo no chão e botava um plástico pra guardar a feira. Quando começou a construção da barragem, aí já ia sobrando aqueles sacos de cimento, foi tirando o capim e botando os papel de cimento. Com muito tempo, começou o barraco de madeira. Meu pai ia pro Bandeirante – na época era só Cidade Livre – comprava as tábuas, juntava também caixote. E aí meu pai foi tirando as partes. Tirava o papel e botava madeira. Os primeiros fizeram assim, porque não tinha condições de fazer de madeira. Aí foi passando o tempo, foi melhorando. Meu irmão arranjou emprego pra mim e minha irmã, nós fomos pra casas boas. Meu pai e minha mãe ficaram no barraquinho. Eu só vinha no final de semana. Meu irmão vinha buscar a gente, que a gente não podia andar só, era muito homem. Eu achava muito bom lá, mas quando vinha pra cá, achava melhor! Era pobrezinha mas a gente gostava. A casa dos outros nunca era bom, que a gente era mandado. Não ia na sala, só era do quarto pra cozinha ou então do lado de fora. Mas era um pessoal bom. Era a casa mais bonita do Paranoá, era pré-moldada. Eu morei até quando eu casei, com 13 anos. Tinha tudo separado: a casa dos fiscais, dos apontadores, dos encarregados, dos engenheiros. Tudo separado.

Seu Ataíde – Era como a comida: a primária era de peão, a intermediária já era de fiscal, a staff era de engenheiro, aquela outra, mais separada, já era dos donos. Eu cheguei com 18, 17 anos. De lá só conhecia Recife mesmo, né. Nunca tinha saído pra longe, nunca tinha trabalhado pra ninguém na minha vida. Nesse tempo, emprego era demais, chegou um rapaz e perguntou se eu não queria trabalhar no acampamento, ali na cantina, era dos americanos. O nome da empresa era Alex Filho, essa firma dava comida a sete companhias. Foi o primeiro emprego da minha vida, lavar panelão! Não sabia fazer nada. Eu era comerciante, pra coisa assim, lavar panelão. De panelheiro passei a descascar batatinha, de batatinha passei pra lavar arroz. Terminei ficando cozinheiro. Dentro da cantina tinha 430 pessoas trabalhando entre garçom, cozinheiro, ajudante. Eram sete companhias, muito homem. Começava a fazer era 4 horas da manhã. Era a base de quatro a cinco mil bifês de chapa. Era muito repartido. Cê vê a diferença, a diferença do rico pro pobre é uma coisa muito séria. A comida do pobre é aquele prato cheio de carne! Mas a do rico é um ovo estralado, é um leite, é um Toddy, é um mingau de aveia especial. Você vê, mingau de aveia! E o pobre, cá, é um pãozinho francês com margarina, né! Pronto, acabou. Esse aí é rojão na cantina. O fiscal de comida ia três vezes ao dia lá: café, almoço e janta. Fiscal de alimentação. Passava toda panela. Se visse qualquer coisinha ali, condenava aquela panela. Tinha que tirar aquele panelão e esfregar. Tinha cantina imunda. Cê chegava ali na Vila Planalto, tinha cantina ali de você sair aos pinote, com raiva. Porque pegava as cantina particular. A cantina era de companhia, mas a companhia não queria se envolver... pra fazer migalha, sabe como é que é? Aí fazia tudo que não prestava. Foi onde teve esse desespero da Pacheco. Porque a fiscalização vai da firma que está dando de comer à peãozada, a firma que exige. Que a alimentação era boa, pelo menos aqui, no Paranoá, lá não sei. Aqui era os americanos que mandavam.

Depois da cantina três anos, passei pra NOVACAP. Trabalhei de marteleteiro nessa barragem aqui, esse martelo grande pra tirar a pedra. Foi quando teve um acidente comigo. Esse joelho meu é de platina. É difícil, não é fácil. Você corre risco de vida. Geralmente, onde tem uma furação, eles põem aquelas bananas de dinamite, pra explodir ali. Aí vai fazer nova furação. Mas fica dez, doze bananas sem ter explodido e quando enfia o martelo ali... Tem morrido muitos. O meu foi um escorregão. Eu peguei um martelo, esse martelete cabeça de negro, são 28 quilos. Ele é pesado pra conduzir. Tava chovendo muito e quando eu peguei as mangueiras, escorreguei e desci. Foi quando eu levei esse joelho aqui, quebrou aqui. Eu fiquei três anos de muleta.

Dona Josefa – Ele chegou de muleta, aquele rapaz bem bonito.

Seu Ataíde – Eles tinha bar, já era rico. Eu comprava fiado do pai dela. Eu não sabia que tinha esse tesouro lá.

Dona Josefa – Quando eu tava trabalhando, eu pensava que eu era uma menina muito sofrida, da casa dos outros. Eu dormia sonhando em possuir uma casa minha, ser dona de minha casa. Porque eu via todo mundo lavando prato, cozinhando, tendo menininho e eu... “Eu faço essas coisas nas casas dos outros; e se fosse na minha casa não é?” Aí eu conheci ele. Eu falei assim: “Virgem que homem tão bonito! Eu vou me casar com aquele homem!” Depois ele foi lá e perguntou se eu podia namorar com ele. Eu disse que queria, mas meu pai não queria porque disse que ele andava de muleta. Comecei a namorar com ele e meu pai soube, me deu uma pisa. Aí eu vou e digo: “Se você quiser casar comigo é pra me roubar hoje. É pra me roubar pra me levar mais você, não é pra me levar pra casa de ninguém não!” Aí ele disse: “Tá certo.” E eu fugi com ele. Fui morar no alojamento dos peões.

Seu Ataíde – Mas o quarto era separado.

Dona Josefa – Porque ele tinha problema na perna e não podia ficar com os companheiros. Aí, quando foi 8 horas da manhã, a polícia bateu lá em casa: “Ataíde, eu vou ter que levar você, o pai da menina deu parte, você vai ter que ir.” Leva a gente pra delegacia pra fazer o casamento na marra. Eu digo: “Na marra não faço.” E meu pai acabou com todo dinheiro dando pra esse Cabo Sebastião, mas não houve quem obrigasse a gente a casar. O juiz disse: “Você vai casar com ela ou não vai?”, ele disse: “Caso!” O juiz disse: “Como é menina, você quer casar?”, digo: “Não. Assim não!” Não teve jeito porque eu dizia que não ia casar na marra. Quando foi com um ano nós resolvemos casar. Seu Antônio Ramalho, ele me deu um barracinho, que eu trabalhava com ele. Ali nós moramos mais de oito meses, então peguei gravidez.

Seu Ataíde – Aí, então, a NOVACAP deu um barraco pra gente. Quatro cômodos, no mesmo alojamento. Era já pronto.

Dona Josefa – A gente tampou quatro quartos que eram pros peões e tirou uma casa pra gente. Aí fui morar lá, já fui grávida. Quando tava com cinco meses de gravidez, aí nós casamos no civil.

Seu Ataíde – E nós queremos casar na igreja daqui uns dias. Amo aqui a Quadra 9. Aqui é muito bom. Todo Paranoá Novo é muito bom. Aqui nós temos mais apoio, lá não tinha. Lá embaixo era muito calmo, mas se a gente pregasse uma tábua a TERRACAP vinha e desmanchava. Tudo era uma briga.

Dona Josefa – Eu gostei do Paranoá Novo, porque eu morava dentro de uns banheiro, uma coisa toda ruim. E aqui tô morando no que é meu. Agora, eu queria que o governo olhasse esses pioneiros. Os pioneiros, que são muito poucos! Os novatos podem pagar, até meus filhos podem pagar. Agora, nós que somos pioneiros, que levantamos aqui... nem moradia digna ganhamos.

Seu Ataíde – Pobre devia ter um lote maior pra plantar um pé de coentro, um pé de cebola. Deram um lotezinhodesse. Foi quando eu fiz essa caixa de fósforo aqui. O povo dizia: “Rapaz, por que você não fez um prédio aqui?” Eu vou fazer uma caixa de fósforo que tá bom! Pra eu, a mulher e um menino morar aqui dentro? Tá bom demais! Pra mim tô num palácio! Não quero melhor! O Brasil ainda tem muita coisa boa! Ainda vou possuir um pouco de dinheiro pra nós irmos conhecer o Ceará direitinho, Rio Grande do Norte, aquelas praias! Tem muita coisa maravilhosa nesse Brasil!

Dona Josefa – E de moradia o que é que tu acha?

Seu Ataíde – É aqui! Paranoá!

Dona Josefa – Só Paranoá! Não tem outro não minha filha! Até os meus filhos, eles não se agrada de outro lugar pra morar não, a não ser Paranoá!

-



DONA CAETANA

Sou Caetana do Amaral Braga.⁽¹²⁾ Eu nasci em Brasópolis, Sul de Minas, em 26 de abril de 1924. A minha avó dizia que São Benedito era cozinheiro e eu não sou católica, não sou espírita, não sou nada. Só acredito só em Deus! E em mais ninguém. Eu gosto de fazer o bem para os outros. Se eu receber três mil réis e achar que esse menino aí tá precisando de um pé de sapato, eu vou tirar quinhentos cruzeiros. Eu dou e nem quero saber. E eu gosto é disso. E São Benedito é uma coisa que minha avó falou, que quem tem ele toda vida em casa, tem sorte. E a gente tem que pedir ele de esmola e o copinho também. Eu pedi o meu. O primeiro café que sai de manhã cedo, antes de todo mundo beber, o primeiro cafezinho é dele. Ninguém atreve de pegar o café antes dele, ninguém!

Eu gosto muito de História do Brasil, tirava notas boas em História do Brasil e trabalhos manuais, isto eu gostava muito. Matemática não, que eu apanhei muito pra aprender a tabuada. Mas gostava de estudar e quando eu lia, assim, a História do Brasil eu entrava no túnel do tempo, pensava eu. Via Tiradentes, ia pra Ouro Preto, andava naquelas casas... Sonho, ainda, até agora, de ir em Ouro Preto. Tô uma velha aqui e eu ainda não fui em Ouro Preto, eu não sei porquê. Mas ainda eu vou em Ouro Preto pra ver aquelas coisas do Aleijadinho. Eu vou no Rio de Janeiro, vejo o museu lá, fico pensando em Maria Antonieta. E eu me visto com aquelas roupas dela... Mas tudo é ilusão! É uma ilusão que eu tenho muito boba, mas passa o tempo, dá pra passar e muito bem! Evita da gente estar pensando maldade pra os outros... A gente entra no túnel do tempo...

Eu tinha uma vida mais ou menos lá em Minas, em Pouso Alegre. Quando eu vim pra cá, que eu tive vontade, desejo de nós virmos pra cá foi pela Primeira Missa aqui, que foi lá no Cruzeiro. Eu ouvi pelo rádio, chorei muito. Falei: "Ô meu Deus, eu podia estar lá!" Porque eu gosto muito de História, sabe? Adoro História. Então eu falava: "Eu ainda vou morar lá." E calha que meu irmão foi chamado pra trabalhar na Rabelo. Então nós viemos pra cá. Meu marido tinha dois caminhões e ele veio pra cá a convite do meu irmão, que foi convidado pelo Marco Paulo Rabelo. Eu vim em 57, junho de 57. Nós viemos, eu e meus sete filhos homens, para o Acampamento da Rabelo, que era lá no Palácio Alvorada. Meu marido veio pra ser chefe da oficina de lá.

Quando eu estava no Palácio da Alvorada, morando lá, no começo, antes de inaugurar, vinha três, quatro, cinco, seis pernil e as tripas e mais um candango pra ajudar, um peão pra ajudar a lavar, pra fazer lingüiça para o Israel Pinheiro. Acho que até o Juscelino levou, levava, não tenho certeza. Eu fiz muito doce pra fora. A primeira parteira daqui,

da Vila Planalto, fui eu. Eu peguei uma criança lá na Vila da Palha, uma moça com nome de Dona Joaquina e sem experiência nenhuma, foi a primeira vez. Experiência minha, que eu tinha tido filho e via os outros nascer. Fiz em nome de Deus e acertei e depois nasceu mais de 200 crianças na minha mão.

Tiradentes pra mim, representa a coisa mais bonita do mundo! Não é por causa do mineiro não. É por causa da coragem que ele teve, da força da vontade dele, daquela coisa, daquela garra que ele tinha, pelo Brasil, pela Independência. Pra mim, acho, que Juscelino foi um dos melhores... Talvez venha mais presidentes por aí, mas talvez foi o melhor que eu gostei até agora, foi o Juscelino. Apesar que todo mundo, morando aqui em Brasília, chegando pra cá aquele pessoal do Rio, falava dele, que ele ia roubar, que ele tava roubando, que ele tava fazendo isso, ele não fez! Ele fez uma cidade, uma coisa mais bonita do mundo, que eu acho, na minha opinião. A Brasília é a coisa mais bonita pra mim, porque eu vi nascer. Eu vi sair da terra, o Congresso, essas coisas tudo eu vi. Morei no Palácio da Alvorada, eu vi sair aquilo da terra, fazer aquelas maravilhas todas que tem. Eu acho isso... lindo demais!

Não vai dar certo, mas vou falar. Quando fui pra Vila Amauri, eu morava aqui na EMULPRESS. Mas aí, tinha um senhor da NOVACAP que ele era chefe e os chefes daqui, pensando ser muita coisa porque é chefe, pisava nos outros. Então botou eu pra correr da casa. Eu não tinha onde morar. Aí meu marido, nós ajeitamos lá na Vila Amauri, um barraco com três quartos, aí fizemos uma cozinha, fomos pra lá. Lá embaixo, onde que é o Motonáutica, lá, mais pra baixo, onde é que é o Lago, lá. Os outros, lá, passava na rua e ficava olhando por dentro das frestas da casa, de fora pra dentro, sondando, né? Então eu tive a idéia de comprar bastante plástico e forrar as paredes tudo em plástico e plástico pintado. Ficou bonito, sabe? Parecendo uma coisa muito linda, muito especial! Quando começou a encher o Lago, aparecia muita cobra, muita rã, sabe, aquelas cobras de duas cabeças. A gente tava na cozinha, quando via tava entrando dentro de casa. Eu me apavorava, subia em cima da mesa, fazia um escândalo medonho, mas passou! Foi uma lembrança muito triste, que a gente teve que sair às carreiras, coisa muito amarga.

Eu tinha um boteco na Vila Amuari, botei o nome de Xiboca Baiana. Fazia muita comida pro povo. Meu marido tava, na época, desempregado e eu nunca deixei a peteca cair. Aí foi nisso, o Emir falou: “Nós estamos precisando de uma cozinheira lá na Rabelo pros engenheiros novos que chegaram. Dona Caetana, seu marido tá desempregado e se você for cozinhar, lá, prá nós, nós damos o emprego de volta pra seu marido e você trabalha fichada lá.” Aí eu vim, eles me deram uma casa. Na Rabelo, tinha dois clubes: um dos pobres, dos peões, e um dos ricos, dos grã-finos. Eu só cozinhei dois meses, porque houve uma festa no clube e eu falei que sumiu caixa de cerveja, garrafas de vinho e o dinheiro do caixa. Foi a gota, perdi o emprego. O clube bacana mesmo era o clube lá de baixo, dos peões, tinha festa toda semana. Lá era o ambiente da gente mesmo.

Aqui na Rabelo o povo brigava com os meus filhos e eu entrava no meio. E meu marido abaixava a cabeça pra todo mundo e eu nunca abaixei. Eles mandavam meu marido embora, vocês podem ver que nas duas carteiras de trabalho dele como está: sete vezes ele entrou na Rabelo, sete vezes ele saiu. O meu marido era honesto e aqui tinha uma ladroeira muito grande. Então, meu marido via as coisas e eles pensavam que ele ia contar e botavam o meu marido pra fora.

A história dessa casa foi bárbara e gostosa demais. O Emir queria a casa pro doutor, porque, cê sabe, que aqui, se o marido trabalha tem casa, se não trabalha tem que sair da casa. Eu arranjei emprego de telefonista, era 1960 e

já podia passar a casa pro meu nome, que era empregada, assim do governo; a casa ficaria para quem tava trabalhando no governo. Eu tinha uma colega no Hospital Distrital, com nome de Rita, ela me ensinou, peguei fui lá e fiz. Porque eles, aqui, tava me perturbando, falei: “Vocês podem me mandar até pro inferno, que daqui da casa eu não saio!” Quando eu boto o pé, eu boto o pé! Eu boto o pé muito firme, eu não gosto de escorregar, não! Que eu sou muito absoluta. E sou mesmo! Eles podem ter autoridade, lá, mas, eles, por exemplo, eles me pisa; agora, a senhora, eles paparica. Vai um pobre coitado lá, pedir uma casa, eles nem olham na cara! Eu acho que não tem ninguém melhor do que eu e nem pior do que eu. Eu fui na TERRACAP, ia lá e voltava, ia lá e voltava. Parece que eu tava adivinhando, daí uns dois meses, menina, eu tava com o papelzinho da casa na mão! Eu soube que queriam me dar uma facada nas minhas costas, sabe? Mas, não deram não! Porque eu pulei, fiz igual à história do gato e a onça, né? O pulo foi meu!

Eu cheguei e tinha um caminhão de mudança na porta da minha casa. Daí o Emir falou: “Seu marido não trabalha mais na Rabelo, eu quero a casa.” Aí eu falei: “Tá aqui ó, a cópia do papel pra você ver – Esta casa pertence a Caetana do Amaral Braga – nem pro meu marido pertence! E some cês tudo daqui da porta da minha casa!” Essa casa aqui significa pra mim muita coisa. Significa minha vida, que eu vim pra cá com 33 anos, vou fazer 70, não é? E eu gosto! Minha vizinha aqui, eu vi nascer os três filhos dela, sabe, tudo me chama de vó, me respeitam. Essa casa é tudo pra mim!



SEU GALEGO

Meu nome é Sebastião Bezerra da Silva⁽¹³⁾, nasci em 1939, no estado da Paraíba! Eu nasci em Brejo da Bananeira, mas a minha documentação é de uma cidade chamada Araruna. Eu vim pra Brasília porque em meu estado tava muito ruim, não tava tendo chuva. A coisa tava muito difícil e Brasília era, naquele tempo, era o terror que corria, o terror da conversa: “Começou Brasília, Brasília é muito bom pra emprego.” Aí foi o que me fez trazer pra cá. Não vim direto da minha terra pra cá, em Brasília. Vim pro Triângulo de Minas, do Triângulo de Minas eu vim pra cá.

Cheguei em Brasília em dezembro de 58! Eu fichei na Companhia Planalto, direto na Vila Planalto e vim trabalhar aqui na barragem do Paranoá, com os americanos, que era eles que tavam tocando essa barragem aí. Trabalhei em diversos serviços. Uma hora ficava com aqueles marteletes furando na sondagem da barragem, outra hora já não era mais, era nas pedreiras. Naquele tempo trabalhava 24 horas, dia e noite sem parar. Não tinha negócio assim, parou uma noite, de dizer “tá calmo”, não! O estrondo era um só, era dia e noite aquele barulho. A gente trabalhando e carro carregando pedra pra barragem e detonando fogo nas pedreiras. E era nessa luta que a gente vivia!

O trabalho das pedreiras era o seguinte: a gente perfurava e as máquinas, chamava máquinas perfuratriz, martelo, ela tem um aço, vai perfurando. Começa com o primeiro aço. É um metro, dois metros e aí vai, até o décimo aço. Quando faz a perfuração toda, aí faz a ligação dos fios. E tem máquina de detonar aquilo tudo. Cê arretira aquele povo todo, a sirene dá o sinal pra não entrar ninguém, não comparecer ninguém, né. Ligou aquilo ali, dá o estrondo. Aí veio as pedras, voou aquilo tudo, rebenta tudo.

Trabalhar amarrado é o seguinte. Quando a pedreira tá baixinha, não necessita. Quando a pedreira vai crescendo, crescendo, crescendo, vai ficando alta. Aí a gente tem que trabalhar amarrado pela cintura. Sobe um lá em cima, amarra a corda. Geralmente nasce árvore dentro das pedreiras, aí amarra naquelas árvores. Quando não tem árvore, sobe um com o martelo, fura lá os furos, enfia um aço pra amarrar as cordas pra gente se amarrar na cintura, porque senão a gente pode bambear e, se facilitar, cai lá embaixo. Acontece acidente: às vezes, um trabalha, um de cima da pedreira e outros estão embaixo trabalhando também. Explode pedra lá de cima, bate em quem tá embaixo. Costuma acontecer isso; mata, quebra a perna. Acontecia estas coisas muito porque aqui, no começo de Brasília, aqui não era brincadeira, era um estrondo dia e noite. Sábado, domingo e tudo, a gente trabalhava.

Todas essas pedras eram pra barragem. Tinha um movimento aqui de umas seis a oito pedreiras, tudo

funcionando pra essa pedra ir pra barragem. Tinha muita gente. Eram seis firmas tudo nesse setor da barragem aqui! Tinha a Novacap, que comandava as outras e tocava o serviço também. Tinha a Planalto, que era dos americanos. Tinha a Portuária que era de terra. Tinha a GEOTEC, injeção de concreto e cimento. Tinha a RODOBRÁS e a CCBE, seis firma só nesse setor do Paranoá aí.

A Planalto se afastou veio a Camargo Corrêa. Eu não posso dizer certo pra senhora, porque essa coisa não tocou pra todo mundo saber o que é. Mas pela conversa meio de longe, que a gente tava escutando, disse que tava desperdiçando muito material. Surgiu a conversa pra gente saber que eles ganhavam 20% de tudo que gastavam. Trabalhei na Camargo Corrêa emprestado pela NOVACAP. Porque quando a Planalto se afastou, a NOVACAP assumiu quem quis ficar, pra ela. E aí a NOVACAP emprestou a gente que já era mais prático nesse serviço cruel. A pedreira do Generoso, essa até hoje tem. Ali, quem desce pra usina⁽¹⁴⁾, tá lá perto da usina. Perto da usina são duas. Tem essa que a senhora falou, do Generoso, que Generoso era um Chefe da Camargo Corrêa. E tinha outra que chama pedreira dos Americanos. Mas, do outro lado do rio Paraoná tinha pedreira; aqui, ao lado dos goianos, tinha pedreira. Tinham muitas pedreiras que não eram tocadas pelos americanos, eram particulares, mas a pedra vinha toda pra cá.

Naquele tempo, era um tempo maravilhoso. Não era tempo de maldade. A gente tinha aqueles alojamento na época dos americanos, deveriam ter uns 40, 50 metros de avanço e só eram duas portas – era entrada e saída. Final do mês vinha o pagamento daquele povo. Todo mundo ia trabalhar no outro dia e o dinheiro ficava todo em cima da cama, nas malinhas em cima das camas. Era um povo sem leitura, mas vinham pra Brasília só naquela intenção de ganhar dinheiro e mandar pras famílias. Durante esse tempo todo, que eu trabalhei nessas firmas aí, não surgiu um roubo dentro dos alojamentos!

Os engenheiros tinham as casas, barraco também, aquele tempo não tinha casa construída de alvenaria não, só era barraco. O alojamento era só pra gente solteiro, não é casa, só o pessoal solteiro. As casas dos engenheiro eram separadas do alojamento.

Eu passei a conhecer os goianos, porque a gente sempre era solteiro. Naquele tempo aí, não existia uma mulher, um cachorro, só os homens trabalhando. Aí nos domingos, algum domingo que tinha folga, a gente tinha aquela vontade de sair pra chácara, era aquela paixão danada, só ficava naquele barulho de máquina, aí começava a sair. Os primeiros, mais perto, era esse Velho Sebastião. Chegava lá, encontrava com ele, ia conversando devagarinho com ele, até ele ir acostumando com a gente, devagarinho também. Porque eles tinham cisma desse povão. Eles, acostumados com aquela calma que eles tinham aqui, quando Brasília estourou, trouxe gente de toda parte. Eles saíam, assim, se eles viam, eles ficavam meio cabreiros com aquele povo. É que não eram acostumados com isso.

As firmas foram embora, a gente foi ficando nas terras dos goianos, goianos somos até hoje. Quando eu cheguei aqui tinha 19 anos, pra hoje eu tenho 58, já tô mais goiano que nordestino.

(13) Entrevista realizada em 1996/1997. Fotografia de Nancy Alessio Magalhães. 1996.

(14) Usina Hidrelétrica do Paranoá.



SEU SEBASTIÃO E DONA ONDINA

Seu Sebastião – Meu nome é Sebastião de Souza e Silva.⁽¹⁵⁾ Eu nasci do lado de cá do rio Paranoá, no dia 14 de novembro de 1910. Era a Fazenda Cachoeirinha. Era tudo de meu pai neste tempo. Meu pai tinha muita terra aqui, desde a beira do Cachoeirinha até na cabeceira. A irmandade, que é dona dessa terra aqui, era doze homens. Um deles foi lá em Goiás Velho, registrou essa fazenda toda aqui. Esse homem, esse que foi registrar essa terra lá em Goiás Velho, era irmão dos meus avós. Isso eu acho que eu não era nem nascido. Nesse tempo, acho que Luziânia não tinha cartório suficiente, foi. É porque Goiás já era mesmo a capital de Goiás. Foi um tempo muito antigo! A fazenda é muito grande. Ainda vai muito mais longe, pro lado de Sobradinho, de São Bartolomeu, do lado de lá do Paranoá, acho que vai até perto dessa fronteira aí da Papuda, tudo ela ia. Mas foi debuiando, assim, como quem debuia uma espiga de milho. Uns tiravam um

pedacinho daqui, outro tirava um pedaço de um dacolá, tirava mais outro pedacinho, interava a dele e por aí foi minuíndo, minuíndo... A Fazenda Paranoá era muito grande.

Dona Ondina – Eu, Ondina Paiva de Souza, nasci em 1922, aqui mesmo no Paranoá. Neste tempo, a gente morava do outro lado do rio. Planaltina era do lado de cá do rio, do lado de lá era o município de Luziânia. Era uma carreira de casa, só na beira do rio, de riba até embaixo. Parecia um arraiázinho. Ali era uma parentalha só, muito parente, tio, primo. Não tinha ninguém de fora chegando. Muitos já morreram. Foram vendendo, foram morrendo, saindo, outros se mudaram. Saíram tudo. Hoje eu só tenho uma tia do outro lado, tá lá até hoje. A gente foi criada junta. Ela teve uns tempos lá em Planaltina. A mãe dela faleceu, ela voltou. A casa já tava ruim, ela fez outra casinha. Mas as plantas estão as mesmas. Tem mangueira dessa grossona. Depois que eu casei, eu vim morar aqui. Meu marido tinha terra aqui, o pai dele tinha terra aqui, que o pai dele morava aqui. Depois o pai dele morreu, eles passaram pra lá e isso aqui ficou jogado, que virou uma tapera. Deve ter ainda muito pé de jabuticaba velho que é deste tempo.

Todos os registros de criança eram de Planaltina mesmo, que era mais perto. Planaltina não era muito grande não. No tempo da minha avó, era pouquinho casa, só umas 12 casas por aí. Com a vinda de Brasília, ela cresceu que ficou enorme. Que o povo, quando acabou de vir Brasília, foi tanta gente que mudou, vendeu casa. Todo dia tinha um em cima de casa. E vendendo tudo baratinho. Mas ela cresceu, porque foi muita gente pra lá e hoje tem muito.

A minha família é tudo parentalha com a dele. Era primo. Mas nós não era primo carnal não, era mais longe, de terceiro grau. Vivia tudo trabalhando em chácara, em roça, era uma vida custosa porque dinheiro não havia. Pra sair era difícil. Não tinha estrada de rodagem, era de cavalo. Se adoecesse e fosse pra Planaltina era muito trabalho pra levar. Era muito difícil. Depois que veio Brasília, eu, pra mim, achei que melhorou foi muito! Já teve hospital, já teve colégio, tinha tudo pras crianças.

Mas, nesse tempo, era uma vida custosa, custosa demais. Mexiam com roça. Fazia farinha, moía muita cana, fazia rapadura. Fazia de tudo que precisava fazer. Levava pra Planaltina. Neste tempo era dureza fazer isto. Teve vezes que ele levou uma carrada de rapadura e voltou com ela pra trás. Lá já tava cheio, o comércio não era muito grande. O povo não queria comprar, quando vendia, também era bem baratinho, não tinha preço. É por isso que o dinheiro era difícil.

Seu Sebastião – Planaltina era ruim pra vender, porque a cidade era pequena e o arrabalde era assim: quem plantava tinha muito pra plantar e se a gente retardasse um pouquinho, não vendia nada, porque aqueles vendeiro já tinha comprado a quantia que eles queria.

Meu pai, ele começou a família aqui. Aqui eu alembro, que tá na minha lembrança, é este pé de manga e um grandão, que tinha acolá, que morreu. Mas depois que nós já tava grande e o meu avô morreu do outro lado do rio, aí ficou a mangueira sozinha. Ele deixou aqui arrumadinho mesmo! Era uma maravilha de chácara. Ele deixou tudo pro mode nós ir morar junto com a mãe dele, pra ela não ficar só. Nós mudamos, eu ainda era pequeno; até ficar rapaz, isto aqui acabou. A gente trabalhava na terra de uns fazendeiro aí perto, que era muito amigo do meu pai. Já era amigo dos meus avós, aqueles velho. Aqueles velhos já tinham morrido quando eu cresci que tava bom de trabalhar. Agora, os filhos deles já eram amigos do meu pai. Na Papuda, na banda de lá da cidade, tem uma casona grande, não sei se ainda tem, é capaz que ainda tem. Diz que ainda foi do tempo que os escravos trabalhavam ali naquela fazenda. Era uma casa já velha, um casarão danado! Ali tinha um monjolo, tinha roda d'água que é de regar e o monjolo de secar. O monjolo é assim: enche d'água aqui, pesa; aí prende e toca a bater, deixa aquilo batendo a noite toda. Mas, quando nós tinha crescido, aquilo já tava tudo parado. Tinha um moinho, também, de moer o milho pra fazer fubá. Tudo era tocado por água, era um córrego d'água, que passava ali. Eles tinham amizade, cedia mato pra gente fazer roça. Tinha vezes que meu pai fazia uma casinha pra eles, o curral, formava o pasto. Nesse lugar nós trabalhamos muitos anos. Culturinha boa! Tinha arroz e milho! Perto daqui não tinha cultura. De lá como de cá do rio, a terra não era muito boa não, era fraca. Trabalhava muito debaixo de chuva. Plantava mais era milho, pra engordar porco. Tinha vez que eu ficava uma, duas semanas, longe pra lá trabalhando.

Dona Ondina – Ele trabalhava muito era fora, mato mesmo, eles plantavam fora. Saía pros lados de Luziânia, sempre aqueles fazendeiros dava mata pra trabalhar, plantava muito arroz fora. Plantava na meia. Tinha vez que eles davam um corte de roça pra fazer, só que pra botar semente de capim. Ficava por isso, nem partia. Aí deixava a roça pronta com o capim pro gado.

Seu Sebastião – Mas quando eu chegava, eu tinha que ir lá ver ela! Naquele tempo o povo ficava lá sentado... ficava assim... O povo tinha uma vergonha de ficar, assim, muito perto. Hoje tá misturado, né? Naquele tempo não era assim não! É... naquele tempo o povo tinha um respeito, né? Não é como hoje. Porque naquele tempo parece que o mundo era obediente, né? O filho tinha aquela obediência e hoje não obedece não.

Dona Ondina – Eu gostava de ajudar a fazer a farinha. Raspava a mandioca, eles vinham, relava, relava, imprensava. No outro dia ela amanhecia seca. Passava na peneira, levava pro fogo pra tocar, fazer farinha, era isto! Na vizinhança mesmo fazia as festa, que era só o povo do lugar e era bastante. Reunia, fazia uma festa um dia, às vez era um casamento. Na chegada eles fazia um jantar, fazia a festa e era divertido que tudo acabava em paz. Depois ó! Silenciou. Porque chegou muita gente de fora, deu pra fazer bagunça, aí ninguém queria fazer mais festa. A gente se divertia muito nas festas. Tinha um tirador de folia dos lados de Luziânia que vinha pro Paranoá; aí dava música, folia, muito divertido também. Todo ano, Folia do Divino. Umas 10, 12 pessoas iam com a bandeira do Divino, 10, 12 cavaleiros. E tinha caixa e

tinha violão, tinha todos os instrumentos. Vinham passando nas casas, tirando. Dava pra eles janta, dava no outro dia almoço e eles iam pra outro pouso. Dançava mais era catira, no dia de folia, mais era catira mesmo!

Seu Sebastião – Era o rojão mesmo da catira! Eles formavam os dois violeiros lá na frente e agora fazia aquela fila assim: um de lá, um de cá, um de lá, um de cá. Eles cantavam catira, depois tinha que fazer recorte. Agora, eles iam entremeando entre eles, assim, até acertar outra vez, cantando aquilo, uma coisa só.

Dona Ondina – As mulheres não dançavam catira não, eram só os homens. Ficavam só pra olhar a dança deles. Elas dançavam outras danças, dançavam uma tal de valsa. Mas na catira eram só os homens. Eu gostava de ver, escutar as modas deles. Eles cantavam, dançavam, sapateavam. Eu não era muito dançadeira não, não gostava de valsa. Eu gostava mais de ficar olhando. Vige! Namorava! Era onde as moças arranjavam casamento, era no dia das festas, né? Que ali não tinha rapaz de fora, era só do lugar e no dia costumava aparecer alguns pra vir pelas festas... Era assim. Eu casei foi no mês de janeiro e estava chovendo! A gente tomou chuva na estrada até! Era que ia a cavalo, não tinha estrada de rodagem neste tempo.

Seu Sebastião – Nós casamos em 1º de janeiro de 1940. Depois dos dois anos que nós tava morando lá, do outro lado do rio, nós viemos pra aqui. Aqui era herança da minha mãe. A terra de lá era do meu pai, era dos meus avós. Meu irmão casou e ele fez essa casa aqui e eu casei fiz uma casinha pequenina ali. Ela era em palha, depois eu acho que cobriu com estas telhas, estas telhas mais à toa, não durou muito tempo não. Era difícil pra nós, era pobre, não tinha condição pra carregar madeira, nem nada. Ih! Foi uma dificuldade triste! Tinha muita terra, mas era terra de campo e naquele tempo não tinha esse negócio de aração. Não sabia desta indústria, né? Não sabia não. Lá servia pra arar, mas depois que a gente vendeu, ou deu quase – foi meio vendido, meio dado – é que descobri que arar terra servia. Nós ia trabalhar um monte de pessoa na terra, mas sem saber que arar prestava, não sabia disso. É, que quase não tinha recursos. Naquele tempo com qualquer estudezinho a pessoa vivia. Meus tios, meus pais... com qualquer estudezinho dava pra pessoa viver, porque o povo não tinha ambição. Depois foi evoluindo, depois de Brasília. Agora não, quanto mais a pessoa saber, melhor.

Dona Ondina – Eu sei que até 50 a gente ainda tava aqui. Já tava quase no começo de Brasília, os filhos ajudavam, cresciam tudo trabalhador. Eu tenho oito filhos. Estudaram lá em Planaltina, ainda deu pra estudar lá, porque não tinha colégio pra cá. Bem no comecinho de Brasília eu fui ficar em Planaltina. Ele comprou lá uma casinha, assim, fraquinha, deu pra nós ficar. Então eu ficava lá com os meninos e ele ficava cá na chácara, ficava cá trabalhando. Todo final de semana, ele ia pra Planaltina, que nesse tempo ainda tinha uma chácara, que hoje é do Dr. Gilson. Mas, nesse tempo, ainda era nosso. Eu achava que eles aprendiam a estudar, arrumavam logo um bom emprego, um emprego melhor, porque aqui não tinha lavoura mais pra trabalhar. Pra não ficar quieto, arrumava emprego! Sem o estudo era mais difícil. A gente veio de Planaltina, voltei pra cá e ainda fiquei na chácara. Ficamos um bom tempo... Quando fez Brasília, logo, logo ele vendeu pro Dr. Gilson, que este veio também no começo dessa Brasília. Vendeu pra ele e nós passamos pra aquele Paranoá Velho, ali embaixo. Eu sei que, pra mim, eu achei que melhorou. Eu já trabalhava, passava roupa pra este pessoal chegando no começo da barragem. No comecinho era só homens que trabalhava, as família de mulher demorou mais pra vir. Que eles não aceitavam, quase não fichavam casal, mais era solteiro. Precisava de uma roupa passada, lavada, aquilo tudo já estava me ajudando, eu ganhava o meu dinheiro, né? E Planaltina, já ficava longe ir trabalhar lá!

Seu Sebastião – Era a doença de ganhar dinheiro, né? Aquela doença, né? Uns vinham, trabalhavam um pouco e iam embora, vinham outros.

Dona Ondina – Vinha gente de longe pra trabalhar aí, naquela influência de ganhar dinheiro. Por que naquele tempo corria dinheiro mesmo. Foi no tempo de JK, corria muito dinheiro.

Seu Sebastião – Acho que tiveram muita coragem pra sair das terras deles, longe assim, deixar família e vir enfrentar um serviço grande! Muitos enfrentava do princípio até o fim! Na família nossa mesmo, tem um que mora cá no Gama, que trabalhou nessas construção aí. Quando a gente morava cá no Gilson, nós levava coisa pra vender lá no Palácio da Alvorada, mas pra ir lá era difícil. Descia nesta igreja que tem aí no Lago, vocês conhecem lá⁽¹⁶⁾. Na hora que chegava já ia vendendo alguma coisa pra aqueles trabalhador, compravam rapadura, laranja. Ficavam todos naqueles alojamentos. Eu ficava batendo papo com eles ali um pouquinho. A gente dava prosa a pessoa, assim, de uma prosa mais agradável, a gente perguntava de onde é que era. Agora, passava do outro lado do Palácio, tinha aqueles engenheiro, aqueles eram uns homens educados, eu gostava de conversar com eles.

Depois que eu vendi, eu vim pro Paranoá Velho também. Os meninos foi crescendo, foi preciso ir pra lá pra eles continuar na escola. Eu enjoei de ficar só, porque eu ficava muito só aqui. A mulher ia pro Paranoá direto, achei que era melhor vender e eu ficar junto com eles lá. Depois lá eu não tinha costume de cidade nada, senti falta de cá. Essa água gostosa, boa, maravilhosa, essa água aqui. Era pregada na terra do meu irmão, Ranulfo Souza e Silva, o Dudu, tudo era beira do Cachoeirinha. Mas um homem veio e tomou a terra do meu irmão e eu fiquei, assim, meio sem graça e peguei e vendi o meu também. Fiquei sem graça de ver o meu irmão sair, assim, de perto da gente e aí eu vendi. Mas vendi venda, assim, trapaiada. É porque a gente tando, assim, meio desgostoso, né, a gente faz qualquer negócio. Depois que eu vendi, eu fiquei arrependido. Parece que foi uma coisa, assim, que passou na cabeça da gente.

Já plantei coisa nesse mundo, que nem sei, que se eu contar ninguém acredita! Isso aqui, ó, deixa eu ver onde é que tá a marca... É dali, assim, pouco pra cá da cancela que nós passou, pra cá um pouquinho. Essa chácara aqui, até embaixo, tudo foi eu que plantei e a de lá, também, a mesma coisa... Aqui a terrinha é fraca, aqui não dá milho de jeito nenhum. Aqui só é bom pra fruteira e mandioca, é só pra isso. Ondina mexia com horta, ficava adubadinho. Eu plantava o milho, o milho não dava e eu plantava no tempo... Eu sei zelar das planta, mas não dava mesmo, aqui não presta pra milho não! Ele cresce um pouquinho bonito, depois ele marela e caba. Não tem força pra crescer não. Acho que falta alguma qualidade de adubo, né?

Dona Ondina – Depois que a gente saiu da chácara e veio pra esse Paranoá Velho, que veio os acampamentos lá pra fazer a barragem. Era o barulho das máquinas e aquele negócio de arrebentar as pedras, que aquilo era um barulho esquisito. Aqueles pipocos, que quando eles iam botar fogo pra arrebentar as pedras, eles gritavam pra quem tivesse perto correr, não ficar perto! Senão, ganhava lasca de pedra, né? Isso era um barulho medonho.

Tava cá nesse acampamento, mas ele não deixou de trabalhar nas chácara, trabalhava direto! Veio parar agora que a força diminuiu, ficou velho, não tem força, quietou! Mas sempre trabalhando, parava não! Essa chácara conseguiu porque ele já trabalhava com o patrão dele, era dono dessa chácara. E já trabalhava antes de Brasília, fez umas roça lá, tava desocupada, muito mato de cultura, foi ficando. Tem até hoje, mangueirona grande, coqueiro, tá com anos! Foi ficando, trabalhando. Conseguiu o direito porque ficou trabalhando. Mas tem muita gente que entrou pra lá, desta vez no entremeio que nós tava lá, foram entrando, invadindo, ficando. E tem chácara grande lá, até de gente que pode, gente da cidade tem chácara lá. Nós ficou onde tem o colégio; associaram, fizeram um colégio.

Tinha bastante gente no Paranoá Velho. Chegava um dum lado, outro do outro, fazia um barraquinho ali e foi

crescendo. Gente desconhecida que ia chegando, que ia colocando ali, a TERRACAP vinha, tirava casa. Ela tava sempre vigiando pra não aumentar e ia aumentando, aumentando. Quando ela vinha de uma hora pra outra, tirava tudo, acabava. Com pouco, começava de novo. Eu já tava num lugar que eles não tiraram não. Ninguém mexia com nós, não. A quantia de barracos que tava, eles tava sabendo, não queria que aumentasse, que passasse daquela quantia.

No Paranoá Velho, os filhos já tavam tudo grandinho, teve um que logo casou, fiz a festa do mesmo jeito. Esperei os noivos chegarem, aprontei um jantar bem forte pra eles. Chamei os parentes, os amigos! Nessa não teve catira não. Essa foi na chácara ainda, na velha. É, foi muita gente! Aí passou, passou, arrumei da outra filha, levei pra fazer a festa nessa chácara, na casa que ainda tem hoje lá. Aí ele disse: “Agora tá melhor fazer lá na chácara do que aqui nesse Paranoá Velho. Vamos fazer a festa lá.” Aí que a festa foi animada! Veio gente de Luziânia, veio de Planaltina, até do Núcleo Bandeirante, gente que eu nem conhecia, ficou sabendo, mas nossa! Mas, também eu tava preparada.

Neste tempo a gente vivia tão tranqüila, né? Não é que nem hoje, que tem coisa, uma violência danada. Você deita, qualquer um barulho que tiver a gente já tá com medo, pensando que é qualquer coisa. Mas naquele tempo, não! Era sossegado, você entrava pra dentro de casa e não pensava em nada. Depois que começou Brasília, no começo a gente até pensava, mas não era do jeito que a gente pensava não. Foi muito assossegadinho, o povo que vinha era um povo de respeito, um povo modoso, tudo direito. A bagunça tá é agora! Agora é que tá. É de pouco tempo pra cá! Naquele tempo, não!

Seu Sebastião – Tinha que trabalhar pra ter seu dinheirinho. Mas não tinha esta bagunça, não, era tudo sossegado. Nós vivia bem com eles aí, eles vinha pra quebrar pedra nessa serra aí, pra levar pra barragem! Era um povo que a gente se dava bem com eles.

Dona Ondina – Seu Chico e Dona Maria das Virgem moraram perto de nós, no Paranoá Velho. Ele era sanfoneiro. Neste tempo as coisa corria muito bem, a gente vivia folgado, podia fazer uma festa de casamento, podia fazer tudo. Hoje é que vive mais apertado, né! Mas era bom. Eu conhecia ela desde o comecinho de Brasília, Maria das Virgem. Ela mora no Paranoá Novo, Quadra 8. Ficou uns longe de outros. Eu lá na 22 e ela retirada lá pra baixo! Quase não tem contato, mas no dia da Reunião dos Idosos tá tudo junto. Ah! Eu gostei de cá, porque lá no Paranoá Velho a gente gostava do lugar, mas não era dono da terra, não era medido, era feito uma invasão mesmo. Lá tinha gente que morava espremido, de parede a parede, assim, que não podia nem fazer um banheiro. Outros já tinha folga maior. Lá não era pra ficar, não podia fazer construção. E aí, cá pra cima pode, todo mundo tem seu lote, construiu a casa, eu gostei de cá. Esparramou aqui um bocado, ficou um aqui, outros foram lá pra baixo na quadra 10, 12. Estes que era acostumado e outros que a gente nem conhecia, ficou vizinho da gente. Vizinho podia ficar tudo numa quadra só, né? Os lotes aqui são pequenininho, dava pra ficar, mas não ficou. Ficou uma entregação de lote assim muita esquisita, desigual, deu o que fazer pra entregar. Até que eu fiquei mais por derradeira.

Seu Sebastião – É, aqui nessas terras que era nossa, meu pai tinha muita terra aqui. Quando eu nasci, quando eu me entendi por gente, já tava com este nome, foi registrado com esse nome, Cachoeirinha. Ela tá nas escrituras destas terras aqui, desde a barra até a cabeceira, tudo é Cachoeirinha. E foi antes, muito antes...

(15) Entrevista realizada com o casal em 1995/1997. Fotografia de José Carlos Monteiro da Glória. 1995.

(16) Ermida Dom Bosco.



SEU NINO

Sou Gercino Ribeiro da Silva.⁽¹⁷⁾ Nasci em Alagoas no dia 31 de maio de 1937. Viemos no dia 23 de outubro de 1963 e fomos morar na Vila Planalto, na casa da minha irmã. Depois nós fomos morar no Gama. Eu vim para o Paranoá no dia 1º de agosto de 1965.

Eu comecei trabalhando desde garoto em padaria e aprendi a fazer tudo. E, quando eu vim pra cá, eu não tive outra saída a não ser me valer da profissão que eu tinha. Vim aqui para o Paranoá e comecei a fazer pão pra população toda. Tinha um forno, o forno do acampamento lá embaixo, que tinha sido desativado e tava lá jogado. Eu cheguei, arrumei o forno e fiz um barracão, foi quando eu comecei a fazer pão. Antes de eu vir para o Paranoá, o pão vinha do Bandeirante, um senhor trazia para cá duas vezes por semana numa lambreta. Depois que eu cheguei, comecei a fazer pão e

entregar nas portas deles, pão quente e no preço correto.

Fiz muitas sacolas e colocava o nome do freguês ou o número da casa e já sabia a quantidade de pão que ele ficava todos os dias. Quando era de manhã, eu colocava a quantidade de pão e tinha uma pessoa que entregava nas portas de cada um. Eu, geralmente, colocava o nome daquela pessoa que era o chefe da casa na lista que eu tinha controle. Eles gostaram da idéia sim, a idéia foi boa. Tinha outros que vendia mais distante, que era exatamente aqui mais pra cima no Paranoá, que eu morava lá embaixo. Do colégio para baixo é que era o acampamento, pra cima não era acampamento não.

Antigamente, nessa época, quando eu tinha essa entrega de pão na sacola, era uma tranquilidade, porque não tinham pessoas que ia na casa de ninguém pegar nada. Você podia deixar tudo do lado de fora, que ninguém mexia. Mas, depois, foi aumentando a população, foi chegando mais gente que a gente não conhecia. Aí começou a desaparecer coisas das casas. Não funcionou depois, porque apareceram algumas pessoas que chegavam lá, tiravam os pães de dentro da sacola, colocavam pedaço de tijolo, pedaço de madeira. Às vez carregava a sacola também. Aí, nós tivemos que acabar com isso, de deixar os pães nas portas, fui obrigado a mudar aquilo, só entregava na mão da pessoa.

Essa idéia de entrar na justiça foi exatamente porque nós, lá embaixo, já tínhamos uma comissão de pessoas que já cuidavam disso, antes do Paranoá mudar pra cá. Uma porção de moradores tinham entrado na justiça pra ganhar o direito de ficar lá embaixo. Só que avisaram pra nós que não tinha condições, porque lá tem muita pedra, não tinha como fazer rede de esgoto, água, por exemplo. E nós ficamos insistindo. Foi quando aconteceu a entrega do lote aqui em cima. Com certeza aqui é melhor. Só que na época que o pessoal tava entregando os lotes, eu achei um desrespeito com todos os moradores que moravam aqui mais de 25 anos. Entregaram os lotes aí em cima, aquela coivara de madeira, pras pessoas

carregarem tudo aquilo ali, sem rua, sem estrada, sem luz, sem água, sem nada.

Aqui já estava loteado de lote de 8 por 16. Já tavam as ruas todas abertas e tudo piquetado. E, quando nós tivemos lá conversando com o Governador, ele mandou a gente voltar aqui contar a quantidade de morador que estava sem lote e nós levamos a quantidade. Pela quantidade de gente foi dividido a quantidade de lote na Quadra 2. Aí deu os lotes com 13 de frente e 20 de fundo. São maiores.

Quando nós ganhamos os lotes aqui, lá embaixo já tinha pessoal da TERRACAP, pressionando a gente pra se mudar pra cá e a gente não tinha feito barraco nem nada. A Dona Margarida, nós tivemos que ir na casa dela três vezes. Eu e outras pessoas da comissão tivemos lá conversando com ela porque ela não queria sair de lá de jeito nenhum. Ela não queria vir pra cá porque ela tinha muita amizade lá no canto que ela morava. Tinha os pés de fruta lá, o quintal dela. Ela foi a última que saiu de lá.



DONA ELENA

Sou Elena Madalena Andrade Souza.⁽¹⁸⁾ Nasci no dia 22 de maio de 1940, Riachão do Jacuípe, Bahia. Nós viemos casados, recém-casados. Casamos lá e viemos pra cá. Cheguei no dia 1º de janeiro de 1961. Fui morar no Bandeirante, fiquei no Paraíso Hotel. Já conheci como Núcleo Bandeirante. Acho que ele passou pra Bandeirante em 60, 61. Cheguei tava recente a inauguração. A Cidade Livre era uma cidade muito movimentada. O peão recebia o dinheiro, ia pra lá, era a cidade mais próxima, porque tinha Taguatinga, essas outra, mas Bandeirante era mais próximo. Iam pra lá gastar o dinheiro, farrear. Havia muita morte, muita coisa triste... Mas não tinha outra vida, tinha que ser essa mesmo. Fiquei dois meses.

Depois eu fui pra Fercal. Meu marido trabalhava nas pedreiras. E eu fiquei lá, morando num barraco de palha, palha mesmo! De noite eu não dormia com os bichinhos comendo a palha, aquele estalozinho. E eu preocupada, eu nunca tinha visto aquilo. Depois viemos pro Paranoá, em junho de 61. Eu vim pra casa do meu primo, lá na Rua A. Aí fiquei um mês até desocupar os alojamentos, que o meu esposo trabalhava e vivia nos alojamentos também, que ele trabalhava aqui desde 58. Ele trabalhava nas pedreiras amarrado com um cabo de aço. Lá eu olhava de baixo, ele lá em cima, bem pequenininho, igual a um urubu. Eu tinha muito desgosto, muita tristeza daquilo. Pra mim era o fim do mundo aquilo. Tinha medo, muito medo, que morria muitos. Muitos morria, trabalhava de marteleteiro estourava pedra na cabeça. Morreram muitas pessoas. E aquele pó de pedra mesmo, eu me preocupava de dar doença no pulmão. Como eu tinha um primo mesmo que morreu de tuberculoso por causa do pó das pedras.

Pro Núcleo Bandeirante a gente ia uma vez por semana com um ônibus, bem velhinho assim. Todo mundo já ficava contando o dia, que chegasse, pra ir fazer a feira. A gente ia pra lá, vinha o ônibus cheio de cabrito, galinha, peru, pato... bicho escapulia lá dentro, era aquela bagunça danada. Mas era divertido.

Meu barraco era um barraco bem grande, bem alto, muito grande. Era de tábuas de escama, tabuinha escamada assim. Muito bom, o meu barraco, eu gostava. O telhado era alto, de folha de zinco. Quando chovia fazia um barulho! As criança eram pequenininhas, ficavam assustados com aquele barulho, mas logo eles se acalmavam. Viam a gente tranqüilo, eles também ficava tranqüilo. Aqui na frente era um chiqueiro de porco, tinha um mangueiral de porco aí. Vendia pro povo lá do Plano Piloto. De fruta não tinha nada, depois é que o povo foi plantando. Comprava fora, no Bandeirante, dos japonês, e plantava os caroços. A terra, a gente tinha como se fosse um patrimônio da gente, ninguém ia tomar, nunca! Você tava ali, você não gostava que ninguém fizesse uma casa perto, todo mundo ali naquele ciúme, os

pioneiros, aqueles amigos que tinham direito à terra. Ninguém podia mais encostar ali.

Ah! Minha filha, quando veio a invasão é que foi a coisa. Nós ficamos numa revolta! Ninguém deixava ninguém encostar: “Aqui você não faz seu barraco!” Na hora que chegava a gente botava pra correr. Não era a gente ser egoísta, é porque a gente não queria tirar a liberdade da gente! A gente achava que só quem tinha direito a essa terra era a gente, não era mais ninguém! Como eu era boba! Nós não aceitamos dizer que a gente é invasor! De jeito nenhum! Se falasse “vocês são invasores”, a gente brigava na hora! Porque ninguém tem esse direito de falar! Porque nós fomos botados aqui pela TERRACAP. A TERRACAP botou a gente aqui. Tudo que a gente queria reformar o barraco, a gente tinha que ir lá na TERRACAP pegar uma ordem. Porque não podia colocar um prego, se a gente botasse um prego, a TERRACAP estava aqui, já.

As reuniões foi assim. Eu tava meio doente da coluna, aí a Maria Nogueira – que Deus já chamou ela – chegou aqui e disse pra mim: “Elena, vamos ali escolher o lote lá, que eu já escolhi o meu e deixei um pra você.” Eu falei: “Eu vou ficar aqui. Amanhã cedo eu vou na TERRACAP, vou pegar meus papéis lá, desde o dia que eu entrei aqui dentro e vou pra justiça.” Ela disse: “Você não vai ter direito porque os moradores tudo já subiram.” Eu falei: “Bom, eu vou tentar.” Aí ela disse: “Então eu vou também com você.” Cheguei lá e falei que queria falar com o Ari. Eu falei pra ele que queria um comprovante, porque meu marido perdeu os documentos. Eu fui lá e contei pra ele: “Eu quero um comprovante do meu barraco, desde quando eu ocupei, que eu tô precisando de entrar numa luta agora, porque eu não quero mudar lá pra cima. Eu preciso me movimentar. Eu vou pra justiça e vou usar os meus direitos. Você sabe que eu tenho 32 anos e eu acho que a gente já tem um direito um pouquinho de brigar com a TERRACAP.” Aí ele disse: “Vou dar pra senhora, se a senhora conseguir, tudo bem, parabéns.” Aí pegamos, que ele deu pra mim e pra Maria Nogueira. Só dava pros pioneiros, pra filho de pioneiros não! Quando eu cheguei aqui fui falando pra um, pra outro, que eu tinha ido lá e mostrei pros pioneiros. Aí aquilo ali, todo mundo criou aquela coragem! Todo mundo começou a ir! Todo mundo trazendo seu papelzinho. Aí fomos, arrumamos uma advogada, fizemos uma reunião na igreja.

Fazia reunião em público, ia pra praça, botava um povo de altofalante, comunicando ao povo pra não subir. A gente tava em reunião aí passava o helicóptero, tudo baixo, eu falava: “Daqui há pouco vão bater nos pé de manga.” Tudo vigiando. Acho que era pra gente ficar com medo, mas a gente não tinha medo não. Os morador novo não gosta que agente movimentasse assim, porque eles acham que os direitos são iguais. Eu falei: “É, os direitos são iguais mas, os nossos é mais alto, os nosso são mais alto!” Fizemos uma vaquinha pra pagar a advogada. Aí demorou demais, demais. Aí foi quando saiu os lotes, aí mudamos. Eu mudei pra Quadra 2. A última foi eu e Margarida e Seu Paraíba. Eu ganhei lá um lote, ficou lá um ano e tanto sem eu morar lá. Eu esperando que alguém me deixasse aqui. Foi os últimos! Nós fomos tirados, bem dizer, assim, a dente de cachorro. Que eu cheguei, falei pra polícia, tava tudo na minha porta: “Olha, eu moro aqui há 31 anos, polícia vem na minha porta, amigável, sendo meus amigos e vocês, vieram fazer o quê aqui? Quem chamou vocês aqui?”.

Mas mesmo assim eu não queria mudar! Seu Mauro mesmo, morreu de paixão. Ele era uma pessoa saudável, uma pessoa que trabalhava, que cuidava da casa. Tinha muitos passarinhos, muito galo de briga. Ele tinha tudo isso aqui, as árvores. Então, quando ele mudou, ele ficou numa paixão, que ele não falava com ninguém, ele não comia, ele atrofiou. Quando tocava no Paranoá, ele chorava, quando tocava na mudança, ele chorava. Trancou-se dentro de casa. Então, ele

morreu de paixão. A gente conversava: “Seu Mauro, vamos lá embaixo?” Ele disse: “Fazer o quê lá embaixo? Pra eu morrer mais rápido, mas vou!” E, às vezes, a gente trazia ele, ele se agarrava nas árvores, assim, era um sacrifício, trazer ele de volta. Todas as árvores foram nós que plantamos. Essa mangueira aí, grande, é muito velho esse pé de manga. Tem uns 34 anos. Isso ali era um pé de caju, também, e já morreu, tá vendo? Então eu acho que as plantas sentiram muita falta dos moradores. Porque vocês vêem que elas estão morrendo. Toda vizinhança aqui era ótima. Todos. É porque qualquer coisinha era festa: batizado, aniversário. Às vezes a gente ia pro hospital, assim, internar o menino, quando a gente chegava, os vizinho levava até o berço dos filhos da gente pra casa deles. Pra não deixar as crianças ficar só, não ficar abandonado. A Quadra 2 é a quadra dos amigos. Ali todo mundo é conhecido. Ali é um pedacinho do povo do Paranoá Velho.

Os goianos eram pessoa batalhadoras, também, que era igual a nós, que eles não queriam perder a terrinha deles, por nada nesse mundo. Eles estavam ali ó! Quando chegava uma pessoa desconhecida, eles já ficavam abismado: “Que será que veio fazer aqui?” Tudo assustado também, né. Eles viviam, assim, tranqüilo, mas sempre assustado. Quando vinha o carro da TERRACAP, a gente tava assustado. Os goianos e a gente. Eles com ciúme também da terra deles lá, onde eles moravam, com medo que alguém fosse invadir, com medo que alguém ficasse lá, perturbando. E nós também aqui, o mesmo caso nosso. Os goianos acabaram, perderam tudo. Mas a história dos goianos é muito bonita. A vida dos goianos era uma vida boa. Tinha o seu gado... A gente ia lá, quando tinha tempo de jabuticaba, a gente ia na casa deles, levava as coisa pra trocar. A gente já esperava o leite fresquinho, pra comprar de manhã. Eles trazia o leitinho todo dia pra gente. Dona Jeni é uma goiana também. Ela ajudou demais. Muito menino pequeno, né, que ela casou nova e teve muitos filhos. Todo ano filho. Cada meninão gordo, aí a gente ficava assim.

Mas era bom, foi muito bom enquanto durou. Hoje tenho saudade, sei que essa saudade... nunca vai ser realizado mais esse sonho! O meu sonho era ficar aqui no Paranoá Velho, criando as galinhas, a gente criava muita galinha, ovelha, cabrito, porco...





LOURDES

Meu nome é Maria de Lourdes Pereira dos Santos⁽¹⁹⁾, gosto que me chamem Lourdes. Eu nasci dia 29 de agosto de 55, em Minas, Paracatu. Em Brasília eu cheguei com nove anos e fui morar na Cidade Livre, que era o Núcleo Bandeirante. Meu pai faleceu muito cedo e minha mãe ficou para criar os filhos e, depois de um certo tempo, minha mãe veio pra Brasília pra trabalhar. Quem veio para o Paranoá primeiro foi a minha irmã mais velha, que é casada. O barraco da minha irmã ficou pequeno, então nós fizemos um barraco pra nós. Aí foi morar minha mãe, eu e um irmão. Antes de chegar no Paranoá, nós morávamos em uma chácara aqui na beira do Lago, ali era tudo chácara antigamente, chamava de Aeroporto. Eu estudei naquela escola da 6ª Zona Aérea, que ainda existe até hoje. Só estudava filho de rico lá, só filho de militares e eu era a única negra e também a única pobre. A Dona Terezinha

era uma pessoa muito interessante, ela era professora, e me convidou se eu não queria ajudá-la com o filho dela, o Célio, que tinha caído do segundo andar. Foi o meu primeiro emprego. Eu acompanhava ela no Sarah com o Célio. Lá no Sarah eu não ficava quieta né. Aonde o Célio ia pra fazer os exercícios com os fisioterapeutas, eu ia atrás e aprendia a fazer tudo. Naquela época diziam que ele não iria andar, não ia falar, ia ser totalmente dependente, que ia morrer cedo. Hoje ele está um homão! Eu tenho o maior orgulho de dizer isso. Anda com alguma seqüela, mas faz tudo.

Eu fazia o trabalho de manhã e estudava à tarde, aí eu passei pra estudar lá na L2, no Plano Piloto. Estudei no CASEB, depois fui para o Elefante Branco. Aí, vai crescendo aquela coisa de ganhar dinheiro né, comecei a trabalhar o dia inteiro e passei a estudar de noite. Depois de uns cinco anos que eu trabalhava com o Célio, surgiu a AMPARE, então passei a ser funcionária da AMPARE, meu primeiro emprego, assim, de carteira assinada. Aí eu já tinha os meus 16 para 17 anos. Fiz o curso Científico, fiz vestibular pra Administração de Empresas e não passei. Fiquei frustrada, frustrada. Foi uma das primeiras derrotas que eu tive na escola. Aí fiz um curso de Auxiliar de Fisioterapia, no La Salle. Quando eu terminei o curso, fiz vestibular novamente, crente que ia passar. Não passei novamente. Meu dinheiro não dava pra pagar a particular e era uma concorrência danada a UnB. Foram dois cursos que eu sempre sonhei em fazer: Serviço Social e Psicologia. Como eu não passei no vestibular, faço outro curso de Segundo Grau, que foi o Normal. Nessa época que eu terminei, fui contratada na AMPARE como professora. Alfabetizava que era uma beleza! As crianças com Síndrome de Down, que caíam na minha mão, eu conseguia alfabetizar.

Quando a minha irmã veio pra cá, foi na primeira ocupação que teve no Paranoá, foi na década de 70. Eles moravam lá na chácara e disseram: “Se a gente não fizer um barraco, nós vamos ter que morar de aluguel.” Então, vieram pra cá e fizeram um barraco. Quando eu cheguei aqui foi interessante. Meu cunhado já fazia parte da primeira Associação

de Moradores, já existia. Mas, a minha inserção na comunidade começou na Igreja São Geraldo. Nós somos uma família religiosa. Nós íamos à missa todo domingo e a gente começou a se entrosar. Tinha o Padre José Gália e já existia um Grupo Jovem aqui. Só que chegou uma hora que o Grupo Jovem daqui do Paranoá ficou tão grande, que teve que dividir em dois.

Na verdade, quando a gente divide o grupo, a gente já estava um pouco insatisfeito com o trabalho que a gente estava desenvolvendo no Grupo Jovem, que era um trabalho mais voltado pra dentro da Igreja. Esse grupo mais antigo começou, então, a fazer propostas diferentes, que era ir pra comunidade pra trabalhar com as famílias na comunidade. E aí que eu começo, realmente, a conhecer o Paranoá. A gente foi pras ruas com a intenção de fazer o trabalho de Bíblia, de ler a Bíblia, discutir com a comunidade as questões religiosas. Só que, quando a gente chegava a entrar nas casas, eram tantos problemas! A gente falava da questão da Igreja, mas as pessoas acabavam dizendo que não tinham água, luz... você tá entendendo? A gente sentiu então, que na comunidade havia, na verdade, uma insatisfação geral com a forma como as pessoas estavam vivendo, que até então a gente não tinha despertado pra isso. E aí a gente começa a fazer um trabalho na comunidade. Nós tínhamos toda a metodologia que a própria igreja nos ensinou. O padre, quando viu essa coisa acontecer, ele dava abertura, mas nem tanto né. A gente despertamos e disse: “Então não vai ser mais Grupo Jovem, vamos transformar esse grupo em Pró-Moradia.” Depois que a gente ficou nesse grupo Pró-Moradia, fizemos muita coisa. Foi nesse grupo aí que a gente começou a discutir alfabetização, então nasce aí o Grupo de Alfabetização. E depois desse trabalho na comunidade, não deu outra né? A consequência foi que nas próximas eleições, as pessoas diziam: “Por que vocês não vão pra Associação de Moradores?” Esse grupo foi importantíssimo naquela época, na história do Paranoá. A partir daí o povo começa a se organizar.

Nós tínhamos o pessoal que era mais antigo, aqui na comunidade, que participou da construção da cidade e que morava no acampamento. Os mais antigos contam que era até cercado de arame farpado. Só que foram chegando mais pessoas e foram arrebitando esses arames e a partir desses arames é que o Paranoá vai crescendo. Existiam, praticamente, dois grupos: o grupo do acampamento e o grupo dos invasores, que era discriminado pelo grupo dos pioneiros, o pessoal do acampamento, que estava na construção da barragem. Essas pessoas temiam que a chegada de novos moradores pudesse atrapalhar a luta pela fixação. E nós sabemos que era exatamente o contrário. Eles falavam: “Estão chegando aqui, acabando com nossa água, acabando com tudo.” No início não foi um mar-de-rosas não! Teve conflito.

As pessoas foram entendendo que, quanto maior fosse a luta e maior o número de pessoas lutando, mais fácil ia ser pra conseguir. Tiveram várias e várias ocupações. A ocupação maior foi a do barracão, final de 86, que foi uma revolta de quase duas mil famílias que moravam aqui no Paranoá. Você imaginou morar numa ocupação considerada uma favela, como era considerado o Paranoá, e ainda ter que pagar nesta favela um absurdo de aluguel? Na época da Associação de Moradores tivemos o primeiro censo do Paranoá. Tínhamos quase duas mil famílias pagando aluguel caríssimo e nós sabíamos que isso era um caldeirão que tava pra explodir a qualquer momento. O objetivo da Associação é estar do lado da luta e dos interesses da comunidade, né! E então a gente se sentou, discutiu, chamamos eles pra discutir e vimos que se a gente não entrasse na luta pra ajudar a organizar, ia ser pior.

Foram 1.500 barracos construídos da noite pro dia. Eles já estavam com seu material. A polícia veio com tropa de choque, tropa de guerra! E nós construímos barricadas pra esperar a polícia chegar! Foi pra rua homens, mulheres, crianças, velhos. Foi todo mundo pra rua, em defesa dos lotes das pessoas que estavam saindo do aluguel. E nós resistimos

com esse povo lá, na entrada do Paranoá. Depois que eles conseguiram furar o bloqueio, eles conseguiram me prender. Foram precisos quatro homens pra me prender. Eu fiquei com uma força que eu, até hoje, eu não sei explicar pra você de onde ela veio. Eles só conseguiram me prender, porque eles conseguiram rasgar toda a minha roupa e me expor diante da comunidade. Vinham que nem bicho pra cima dos barracos das pessoas, quebraram tudo. E eu saí em defesa daqueles barracos e enfrentei o pessoal da TERRACAP. A intenção deles era prender os líderes do movimento. Mas, não éramos nós os grandes organizadores. Os grandes organizadores eram o povo! Nós estávamos ali pra dar um certo encaminhamento.

Tudo o que fazíamos é porque sabíamos que tínhamos direito. Quem estava acompanhando nosso trabalho aqui era o pessoal da OAB, pela Justiça e Paz, que me viu ser colocada no camburão. Foi a primeira vez que eu conheci um camburão, também foi a primeira e única, graças a Deus. E foi por uma causa justa! Eu sei que eu andei a tarde toda dentro daquele cubículo; fiquei toda machucada, arranhada, me chutaram, fiquei muitos dias com manchas roxas. Quando cheguei aqui na Décima, o pessoal chegou e disse que presa eu não podia ir e levou lá a questão dos direitos. Me trouxeram pra cá e quando eu cheguei aqui, eu fui pra assembléia. Tava tendo essa assembléia finalizando o ato. Aquela coisa de terem me levado presa não serviu pra que eu abaixasse a minha cabeça. Quando eu saí de lá, eu me senti muito mais forte.

As grandes manifestações no Palácio do Buriti, as idas dessa população ao Buriti é que conquistam a fixação do Paranoá. Um dos trabalhos mais fortes, que tinha naquele momento na Associação dos Moradores, era o trabalho de cultura e educação. O presidente que assumiu disse que aquilo não era prioridade. Então o grupo discutiu e viu que não tinha como terminar com o Grupo de Alfabetização. As pessoas estavam aprendendo e os trabalhos estavam dando certo, a parceria com a Universidade estava dando certo. Foi aí que a gente resolveu então formar o CEDEP, que é Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá. Nós tivemos assessoria e parceria com muitos outros grupos, não foi só a UnB. Com a Universidade foi mais forte. Eu me lembro que a gente ia para as reuniões discutir essas questões de água, esgoto e de fixação. O Governador uma vez até disse: “Olha eu acho que esse povo aí não mora no Paranoá não”, porque a gente discutia as questões técnicas. Essa aproximação com a academia ajudou no entendimento das questões técnicas. Era a UnB com o saber técnico e nós com o saber popular e um trocava com outro esses saberes. E a gente pôde construir essa questão junto. E a Extensão, ela nasce nesse contexto, não vem pra cá porque o reitor quis ou porque a Universidade quis. Nós construímos isso, aqui, na comunidade.

Nós sabíamos, por exemplo, que depois da igreja, pra baixo, não podia ter fixação. Só podíamos ter fixação da igreja pra cima, que é a cota 1.100! E nós tínhamos naquele momento um número “X” de pessoas e dava pra todo mundo, que morava no Paranoá, naquela época, ter um lote de, no mínimo, 300 metros quadrados. O Governador dizia que não era possível ficar aqui, porque, tecnicamente, não podia colocar esgoto, não podia construir casas porque o terreno não permitia

Foi um momento muito difícil. A grande maioria da comunidade acredita nas pessoas que dizem que nós éramos baderneiros e que nós só servíamos pra trazer a polícia pra cá, que nós não íamos conseguir fazer a fixação do Paranoá. Que nós íamos conseguir fazer a fixação do Paranoá se nós ficássemos bonzinhos, quietinhos, quer dizer, tirando todo o direito que a comunidade tem de se organizar! A Prefeitura Comunitária, ela é montada no Paranoá, pra que batesse de frente e fosse uma contra-proposta daquelas propostas que a gente tava encaminhando. E aí, divide a comunidade! Com a desavença implantada na comunidade, o povo começou a ficar inseguro e aceita a proposta do governo, que é de sair

desta área e ir pra uma nova área. Agora, a necessidade fala muito alto, né. Por mais que você tenha consciência das coisas, tem hora que a necessidade fala muito alto. Agora, ninguém vem me convencer de que pobre não pode morar num lugar bom, num lugar bonito, numa paisagem como essa que nós temos aqui! Ninguém me convence disso; nem naquela época me convencia!

Nós queríamos um processo respeitoso, que conservasse a vizinhança, que conservasse os laços de amizade e que conservasse os laços das pessoas! A primeira coisa que fizeram foi misturar as pessoas, levando pra cima, misturando todo mundo. E as pessoas ficaram fracas. Foi dessa forma que eles conseguem desestruturar o movimento organizado do Paranoá.

Nós nos organizamos para conquistar a quadra dos pioneiros, que foi a Quadra 2. Essas pessoas, que moram hoje na Quadra 2, foram as pessoas que resistiram e foram os últimos a sair; o grupo mais antigo dos pioneiros que resistiu e colocou advogado. Conquistamos a Quadra 2 no seguinte sentido: vamos permanecer dentro da área antiga e vamos conservar a área antiga ligada à área que eles estavam dando. Nós não queríamos que quebrassem, definitivamente, os laços entre o Paranoá Antigo e o aumento do Paranoá, já que permanecemos na área antiga. Nós chamamos isso de aumento do Paranoá e não Paranoá Novo. Levando o Paranoá pra lá, quer dizer que ele não existe mais, acabou. Isso acabaria com a nossa luta, com a nossa história. E acabando com a nossa história, acaba com o ser humano que existiu, porque nós resistimos, nós temos uma história, nós temos raízes.

Depois que ficaram poucos moradores, com a grande maioria saindo, eu queria que você visse uma foto de como ficou, parecia um cemitério. Aí a gente vai na Câmara Distrital fazer com que essa área fosse transformada num Parque Vivencial e Ecológico. Nós mostramos a importância de ter essa área verde aqui pra comunidade do Paranoá. Na verdade é o grande pulmão do Paranoá. Cada árvore dessa, pode ter certeza, foi um morador que plantou. Tudo aqui foi construído com muita luta, com muita garra. Conservar isso é conservar nossas memórias. Então nossas memórias estão nesses patrimônios que ainda restam aqui. Agora, nós não consideramos patrimônio dessa cidade só esses equipamentos que tem aqui. A cidade foi conquistada por nós, a cidade foi construída com a nossa luta. Então, todos esses equipamentos, tanto os mais antigos, quanto os mais novos, que tem agora, são nossos patrimônios, porque foram construídos com a nossa luta.

Eu tive vários momentos bonitos e interessantes. O primeiro é ver as pessoas que não sabem ler e escrever sair daquela cegueira e entrar nesse mundo das letras, quando eu começo a fazer esse trabalho de alfabetização com as mulheres. O outro é quando a gente consegue a Quadra 2, a fixação dos moradores antigos. O terceiro acho que foi o nascimento do meu filho. Eu saí de Minas, de uma casa. Aí você já imagina o choque que é vir pra um barraco de madeira, todo cheio de buracos. Então, eu sonhava muito em ter uma casa com água, com chuveiro pra eu poder tomar um banho de 20, 25 minutos, dos pés à cabeça. Vocês talvez possam não entender isso, mas a gente que vivia aquele momento, de ter água de lata, tomando banho de latinha, é que entende o que é ter um chuveiro em casa. Então, eu tenho esse grande sonho e, graças a Deus, parte dele eu consegui. Devo daqui pra frente conseguir construir minha casa da forma que eu quero, se Deus quiser! Este sonho estou realizando, graças a Deus!



DONA ALBANIZA

Meu nome completo é Maria Albaniza Ribeiro Lopes Rebouças.⁽²⁰⁾ Tenho seis filhos e uma neta. A idade? Ah! Não tem problema, tenho 54 anos. Eu vim do Ceará, de Fortaleza. Cheguei aqui no dia 7... 8 de setembro de 1961. Sabe? Eu sou ruim pra gravar data! Eu tenho trabalhado muito aqui, principalmente com o assentamento da Vila. Há 32 anos que estou aqui, em Brasília, 20 anos de Vila Planalto. Quando eu vim, fui para a casa de amigos, em Taguatinga. Meu marido já morava aqui e eu vim pra casar. Aí eu casei nessa igreja aqui da Vila Planalto, no dia 18 de dezembro de 1962 e fiquei lá morando uns seis meses. Depois, vim morar com uma cunhada minha que já morava aqui. Na época tinha que ser agregada. Depois, ela se desgostou da Vila, fomos morar lá no Braguito; dois anos. Voltamos pra Vila de novo e aqui estou, até hoje.

Eu fiquei morando aqui, mas não tinha interesse nenhum em acampamento, em fixação, estava acomodada. Mas aí, há uns oito anos atrás, eu comecei a interessar. Principalmente na época em que foi nascendo a Samambaia. Havia comentários que iam tirar o pessoal da Vila e iam colocar na Samambaia e aquilo foi despertando em mim, assim, aquela coisa: “Pô, mas não é possível, há quanto tempo eu moro aqui? Meu marido é um pioneiro e a gente ter que se retirar da Vila Planalto!” Aí eu fui procurando uma maneira de aparecer um trabalho, pra poder a gente lutar e ficar aqui, né? Tinha chegado um amigo meu de Goiânia – ele é muito religioso e tinha experiência com um grupo de oração lá em Goiânia – e resolveu fazer um Grupo de Oração aqui na Vila Planalto. E nós começamos.

Eu fui no quarto dia, na casa de uma vizinha minha e começamos a comentar sobre a Vila Planalto. Eu morava há muito tempo aqui, mas não tinha conhecimento com as pessoas, porque na luta dentro de casa, não procurava saber como é que tavam os vizinhos. Aqui tinha muitos acampamentos mas, às vezes, nem “Bom dia!” né? Comecei a conhecer as pessoas e depois daquela oração, nós começamos a conversar sobre a Vila Planalto; que nós não estávamos satisfeitos com a Associação de Moradores porque tava tudo parado e havia o perigo da gente sair daqui da Vila e que a gente tinha que fazer alguma coisa. Foi então despertando aquela coisa em mim; começamos a despertar com as pessoas através do Grupo de Oração. E tinha que haver uma luta, né?

Eu sei que, diante de tudo isso, um dia eu fui convidada a participar de uma reunião aqui no CEBEM⁽²¹⁾. Nesse dia, haviam convidado muitas pessoas aqui da comunidade. Até aí eu nunca tinha visto tantas pessoas participar de uma reunião; a gente fazia uma reunião, era sempre o mesmo número de pessoas, porque havia, assim, um descrédito muito grande na Associação. Daí, a Josefina, a assistente social, ela começou a falar da importância da Vila Planalto, que nós estávamos muito acomodados, que tínhamos que lutar por isso aqui, que era muito importante! E as pessoas foram

despertando! Parece que foi, assim, uma paulada na cabeça de todo mundo pra acordar.

Ela marcou outra reunião na outra semana. Mas, não aconteceu a reunião, porque parece que tinham tirado ela daqui. Também porque ela falou muito em política, despertando na gente o que era política, né? Parecia que a gente vivia, assim, numa cidadezinha no interior, bem afastada. Ai, nós falamos: “Mas a Josefina nos orientou tanto, por que ela foi embora?” Ai nós pensamos: “Será que o foi o presidente da Associação que tirou ela daqui através de politicagem?” Foi quando soubemos que tinha chegado outras assistentes sociais - a Sussu, a Concília e mais outra. Elas já vinham com uma bagagem muito boa de outras comunidades, de outros assentamentos. Elas tinham trabalhado na Candangolândia⁽²²⁾, com orientação que passaram às pessoas e aí convidaram a gente para a reunião. E você sabe, como nessas reuniões a participação maior é das mulheres, nós começamos a ir todas as noites. E elas começavam a falar da Vila Planalto e nos orientavam o que era a Vila Planalto, o que a Vila Planalto significava pra nós e que, talvez, no Brasil, não existia, assim, uma comunidade igual à Vila Planalto, porque aqui todo mundo se conhece. Quando vinha uma criança de um acampamento pra outro acampamento, a gente sabia que era filho de Dona Fulana. Se tinha algum menino fazendo algo errado, a gente sabe de quem ele é filho. Então, é quase uma irmandade, todo mundo.

E todas as noites eu ia pras reuniões. Ai, levava sempre a Leiliane, a minha filha, nessa época ela tinha quase 11 anos. No caminho a gente ia conversando: “Mãe, mas nós temos que fazer alguma coisa. O que vamos fazer? A gente não poder ficar só nestas reuniões!” Elas, as assistentes, só faziam orientar, pra ver como é que a gente ia reagir. Ai, começamos a pensar: “A gente tem que formar um grupo não é?”

Um dia, nós paramos no caminho e ficamos aquele grupinho conversando. Ai, falamos: “Vamos reunir pelo menos dez mulheres.” Fomos escolhendo assim, a dedo – “você fulana, você, você” – e formamos um grupo. “Vamos ver o quê que a gente vai fazer pela Vila Planalto”. E aí colocamos até o nome Grupo das Dez. A Leiliane ficava sempre do lado e dizia: “Mãe, acho que a gente devia fazer uma carta pro Presidente.” – eu já sabia que diversas pessoas haviam burlado a segurança dele pra pedir casas, pedir coisas – “Sabe mãe, se a gente fizer isso?” Mas eu sabia que era muito difícil, a segurança é muito grande! Um dia, ela pegou um pedaço de papel e começou a escrever uma carta, que morava na Vila Planalto e eu fui orientando ela e aí saiu a cartinha. Chegou um amigo meu, José Ramalho e disse: “Dona Albaniza, vamos lá entregar esta carta. Solte este rôdo e vamos lá.” Fomos até de pés.

Todas a sextas-feiras o Presidente descia a rampa do Palácio do Planalto. Chegamos lá, já tinha muita gente, tinha muita criança naquele dia. Ficamos naquela expectativa, que chega suava! Na hora que o Presidente ficou bem no meio da rampa, eu disse: “Corre Leiliane!” E chutei ela assim, que ela quase caiu lá na frente. Gritando ela chamou a atenção de todos ali em volta. Veio um segurança e quis barrá-la. Ela começou a chorar e fez até xixi na roupa, nervosa, não é? De repente, o Presidente já estava no carro, ele saiu de dentro do carro e pediu que levassem a Leiliane lá onde ele estava. Eu sei que a Leiliane entregou a carta. Nesse momento, todas as pessoas ficaram curiosas, virou aquele tumulto; e os jornais, todo mundo em cima, querendo fazer reportagem.

Depois viemos pra casa. Participei para o Grupo o que tinha acontecido. As mulheres ficaram muito alegres e diziam: “Ô Albaniza, eu acho que agora foi um gol que fizemos!” Acho que depois de dez dias já tinha uma audiência marcada no Palácio do Buriti. Eu disse assim: “Olha, eu gostaria que o Grupo das Mulheres acompanhasse.” Pedimos a

Kombi do marido da Dona Wanda, Seu Nelson Corso, e fomos, todas as mulheres. Chegamos lá e ficamos esperando; tinha uma arquiteta, que era a Yeda, que ajudava muito a gente. E tinha a outra também, do Patrimônio, a Sandra. A Yeda, coitadinha, ficava tão empolgada!

Quando chegamos lá, pra essa audiência, ia voltando, porque o presidente daqui da Associação ficou lá na porta pra impedir a gente de entrar, sabe? Nós entramos por trás e ele ficou na porta lá! Chegamos lá e já avistamos todos os políticos em nossa volta. Ai nós ficamos assim, porque até o momento estávamos trabalhando só, sem politicagem. A nossa política é só nossa política, fora de partidária, né? E a gente já ficou assim... meio assustada. Porque, às vezes, a política chega a atrapalhar o trabalho da gente numa comunidade, né?

O Governador nos recebeu muito bem. Ele começou a conversar com a Leiliane e explicar as coisas; o que era a Vila Planalto, porque ele já tinha um projeto para a Vila Planalto. Só que nós tínhamos... Como que é a palavra? Acelerado o processo.

À noite tivemos reunião pra decidir como é que agora o nosso grupo podia levar o trabalho pra frente. Eu sei que a coisa começou a andar. Começaram as negociações, projeto, decreto... Era como se tivesse, assim, alguma coisa prendendo e a gente tirou sabe? Tirou a tampa daquilo. Daí foi crescendo, assim, um grupo de amizade e confiança; nisso a comunidade ficou mais confiante, porque havia uma divisão muito grande e, através do Grupo de Oração, a gente aproveitava e fazia as reuniões. E as pessoas foram saindo do lado da Associação e passando para o nosso lado. Nós já conseguimos, através desse trabalho, uma união. Porque antes era assim: um grupo ia no governo e pedia uma coisa, depois ia outro grupo atrás e pedia outra coisa. Isso era muito ruim para a comunidade, agora muito bom pro governo, né? Porque eles diziam assim: “Mas vocês na Vila não se entendem. Vocês só vivem brigando. Um pede aqui uma coisa, outro vem e discorda e pede outra coisa. A quem vou atender?” E a gente dizia que havia dois lados. Ai já foi vindo mais para o nosso. Já foi havendo, assim, um consenso maior, uma credibilidade com as mulheres. E as mulheres lá, lutando.

Só sei que aí, nessa época, nós já conseguimos apoiar uma pessoa pra presidente da Associação. Agitamos; foi uma coisa boa. Porque, a partir do momento que a gente conseguisse, assim, com a nossa união eleger um candidato para a Associação de Moradores, isso ia dar mais força ao trabalho; e isso nós conseguimos. A partir daí, ganhamos em disparada. E daí foi na época que nós também já tínhamos criado o Centro Social. E começamos com o trabalho lá de panificação, costura, sabão. O que reforçou mais ainda. E daí começou a fixação, o assentamento.

O nosso trabalho era por equipe. Por exemplo, no que vinha pra fazer o cadastramento, então nós fazia o seguinte: nós dividíamos equipes e saímos. Eu acompanhava um grupo, a Dona Maria acompanhava outro, em cada acampamento. Uma vez eu ficava com três ruas, a Dona Maria com mais três. Colocava o nome da família toda, a idade, o tempo de Vila Planalto, os agregados. Só que nós não fazíamos de solteiro. Às vezes, nós era muito mal recebida, havia deles que botava até cachorro, sabe? Ficou dividido, porque as pessoas eram, assim, pro lado do presidente da Associação, eram contra o tombamento. Mas aí nós conversamos: “Gente, vamos aceitar da maneira que vier, depois que a gente tiver com a Vila Planalto, com o tombamento, a gente forma outra luta. Vamos lutar, porque, quando o povo, a maioria quer alguma coisa, consegue. Depois a gente vamos lutar por outra coisa.” As pessoas eram muito bitoladas. Muitas pessoas ficaram prejudicadas, porque não quiseram fazer o cadastro, viu? Por isso que tá acontecendo tudo isso aqui. Porque hoje se vê que

solteiros ganharam lotes. Eu já tinha dois filhos já adultos, mas como eram solteiros eu não fiz o cadastro deles dois né? Pelo menos eu não cadastrei. E depois de tudo isso, houve outro cadastro, pra ganhar lote fora da Vila Planalto.

Às vezes eu comento muito aqui com as pessoas, principalmente com os filhos de pioneiros, que na época, se eles tivessem se juntado a nós na luta, hoje não estariam assim, brigando pra ganhar o lote deles e tendo a maior dificuldade. Porque não tem espaço... Muitas pessoas aqui, foi o seguinte, ocupavam três, quatro lotes e pegaram cerca pra não ceder para os outros. O espaço ficou muito pouco por isso. Porque as pessoas que têm espaço grande não querem dividir. Tem pessoas aqui com quase uma chácara.

Meus filhos batizaram, crismaram, fizeram primeira comunhão aqui. Já tem um que casou aqui também. Quer dizer, eu já tenho raízes, já temos raízes aqui na Vila Planalto, né? E a gente tem um carinho muito grande, tanto que agora, a gente quando vê pessoas que ganha aqui... Nós sacrificamos tanto por isso aqui sabe?! Quantas vezes eu tive que sair daqui de manhã e chegar 8 horas da noite, com fome? O grupo, né? Como a luta pelo Grupo dos Idosos, a Creche. Quer dizer, depois de tanto sacrifício, lutando por nós e pelas pessoas, elas pegam os lotes delas e estão vendendo? Sabem que é ilegal! Isso dá uma revolta, porque a gente não sabe como que tem que fazer pra não acontecer isso! Uns falam: “Dona Albaniza, eu vou vender porque eu não tenho condições de construir.” Outros falam: “Ah, eu já troquei por uma casa já pronta.” Outros falam: “Por um carro.” Aí a gente fica naquela coisa, né? Às vezes, eu até comento aqui com as pessoas, isso aqui tá sendo igual assim, uma venda de galinha. Você não tem sua galinha? Quanto é a galinha? Tanto. Tá aqui o dinheiro. Tá sendo assim! Porque ninguém pode, ninguém tem documento que possa vender, ir no cartório, ninguém! Tem o direito de posse, é 25 anos, mas cada governo com uma cabeça diferente. Então, é o seguinte: às vezes, eu fico tão revoltada, eu digo: “Pôxa, deveria haver alguma coisa que impedisse isso, não é?” Nós já estamos pensando aí de fazer uma cartilha, pra poder conscientizar as pessoas que não podem fazer isso. Tem que haver um meio para que eles valorizem mais isto aqui, que não dê por qualquer mixaria. Porque isso aqui tem um valor muito grande, que cada coisa aqui é uma luta!

(20) Entrevista realizada em 1993. Fotografia de Teresa Paiva Chaves. 1993.

(21) Centro de Atendimento e Bem Estar do Menor, instituição ligada à época à Secretaria de Serviço Social.

(22) Região Administrativa do DF, oriunda de acampamentos.



EFIGÊNIA

Sou Efigênia Fernandes Dias.⁽²³⁾ Nasci em Gonzaga, é uma cidade do interior de Minas, em 30 de janeiro de 1958. Cheguei de vez em Brasília com 11 anos, em 1969. Mas, eu já tinha estado aqui antes, eu não me lembro bem quando que foi isso não. Deve ter sido uns três ou quatro anos antes. O papai trabalhava aqui, desde a construção de Brasília, vinha e voltava pra Gonzaga. Então, a mãe cansou de ficar sozinha, de cuidar de dez alqueires de terra com duas crianças, eu e meu irmão. O papai ficava falando que ia de vez e nunca ia, ficava um mês, dois, depois voltava. Os outros irmãos mais velhos já trabalhavam em Belo Horizonte. Ai ela cansou e resolveu vir atrás dele; veio de qualquer jeito, mesmo sem ele querer, nem tava esperando, a gente veio. Na primeira vez, parece que ele arrumou uma casa lá na invasão do IAPI. Eu me lembro, vagamente, de ter ido na

Candangolândia. Ela ficou uns meses aqui, aí não deu certo, pegou e voltou.

Quando ela veio de novo, ela veio só. Aí eu fiquei em Belo Horizonte, com o meu irmão. Eu fiquei até uns tempos sem estudar. Ela veio só e depois é que veio meu irmão. Depois de uns três ou quatro anos que ela já estava aqui é que eu vim de Belo Horizonte. Papai morava num quarto, alojamento de solteiro, da Companhia Nacional. Ele conversou com o pessoal lá e eles deram um quatinho maior, onde moravam as famílias próximas, condições péssimas, mas era um pouco maior. A gente aumentou um pouquinho e ficamos morando lá, muito tempo. Apesar de precário, o papai tinha autorização oficial, porque ele trabalhava na TERRACAP. Ele é analfabeto, aprendeu a escrever o nome com a mamãe. Então, quer dizer, a qualificação dele, ele era o quê? Ele era vigia. Um funcionário mais credenciado, por exemplo, ele conseguia uma casa. Veja bem, o Tamboril. Os operários chegaram primeiro, então, o alojamento de solteiro foi construído antes das casas. Depois é que esses operários, tipo papai e outros, construíram as casas para as famílias e o Tamboril pros funcionários, pros diretores americanos, pessoas de alto padrão, entendeu?

Depois de 70, 71, 72, não lembro direito, sei que era por aí, houve um incêndio. Algumas famílias amigas da gente ficaram desabrigadas, o pessoal ficou com a roupa do corpo, ficaram, assim, sem nada, crianças pequenininhas, hoje é tudo moça. O segundo foi próximo à minha casa; a mãe em casa e o fogo chegando, chegando, chegando... Aí pusemos a mamãe doente sentada lá fora com todas as coisas, mas não chegou lá em casa, graças a Deus! Mas é uma coisa bem traumatizante, você se prepara pra ver queimar tudo!

Quando foi em 78, 79, a TERRACAP deu uma limpeza geral lá, onde hoje tudo foi transformado em Setor de Embaixadas. Foi pressão das embaixadas. Muita gente foi jogada pra fora. Não eram bem invasores. É porque, veja bem, se

estou aqui, por causa da condição de não ter moradia, aí passo pra você, passo pra outra pessoa, ou deixo um amigo. Então, havia pessoas que não tinham autorização, eles pressionavam pra sair. Quem tinha algum lugar pra ir foi pra Sobradinho, outros mudaram pra onde é hoje a Metropolitana⁽²⁴⁾, muita gente mudou. Eu estudava na Asa Norte, era mais perto do que ir lá pra baixo, na Vila Planalto. A gente não ia muito, só na igreja, no açougue. Como papai era autorizado, então, eles não mandaram embora. Em cima da nossa família não tinha aquela coisa de jogar pra fora. Aí o fiscal da TERRACAP falou assim: “Olha, Seu Albino, então a gente vai levar o senhor lá pra Vila Planalto, lá embaixo” – porque eles chamavam o acampamento da Nacional como “aqui pra cima da Vila Planalto” – “a gente vai dar um lugar bom pro senhor ir, mas o senhor tem que fazer uma casinha bonitinha. Se o senhor não fizer, a gente não pode, porque é um lugar bom mesmo, bem na frente, na beirada da pista.” É ali no acampamento da EMULPRESS, onde hoje mora o Manuel Soldado. Deram pra ele um outro local, onde mora o Paraíba, também no acampamento Rabelo, que é mais elitizado, então existia discriminação porque ele não tinha dinheiro pra comprar o material pra fazer a casa.

Eu só fiquei sabendo disso depois, depois ele me contou. Nessa época, eu tava começando a trabalhar, eu tava fazendo curso de técnica em enfermagem. Aliás, meu irmão tinha morrido. Aí eles jogaram a gente ali, as pessoas mais pobres, na Rua Nova, no acampamento DFL, Departamento de Força e Luz, hoje CEB, dentro da Vila Planalto. Inclusive você vê que lá, na Rua Nova, era tudo geminado. Eles mediram de qualquer jeito, uns três metros pra cada e colocaram em uns becos – era beco mesmo – em que um aproveitava a parede do outro. A TERRACAP amontoou num lugar apertadinho, espremido e sem condição nenhuma. No acampamento Pacheco Fernandes não tinha essas barraqueiras, que só foram construídas quando nós viemos pra cá. Tinha alojamento, casas, assim, de melhor qualidade, não tinha essa coisa geminada. E, então, o que aconteceu com os vizinhos que já moravam lá? Primeiro, eles perderam parte dos quintais, porque a maioria tinha quintal grande, perdeu. Pôs muita gente mesmo, naquela rua pequenininha, porque a Rua Nova tinha mais de 100 famílias, coisa que não acontecia no acampamento inteiro. Foi jogado mesmo naqueles cubículos, naqueles becos, feito bicho! E aí a gente puxava água. Resultado: a água diminuía, às vezes até secava alguma rede d’água. Então, os vizinhos, a maioria não gostava muito. Até hoje eles falam: “Ah! Trouxeram aquele pessoal pra cá.” Porque o acampamento da Nacional era considerado, acho que até hoje, o acampamento mais pobre, entendeu? O acampamento dos peões e dos funcionários mais desqualificados.

Algumas pessoas pegaram casas, conseguiram um espaço maior, eram de bem com o fiscal. Aí a vizinhança, o pessoal que morava nas casas achava: “Tá enfeitando, tão pegando nossa água, pegando nossas plantas!” Nós morávamos na ponta cá de baixo. Tinha aquela fileira de casa, todo mundo não tinha jeito de furar fossa, porque era muito estreitinho o terreno, não tinha jeito de entrar um caminhão pra esvaziar nem nada, as pessoas iam jogando esgoto, pelo fundo, ia descendo. Então, a gente recebia a carga de esgoto da rua inteira. Era uma loucura, um mal cheiro, mosquito, tudo! A gente plantava horta: couve, chuchu, cebola. Quando chovia um pouquinho, acabava com tudo, porque o esgoto vinha em grande quantidade, era horrível! E tudo naquele pedacinho, não podia aumentar um metro! Com toda honestidade, quem tinha dinheiro saía mesmo, ia pagar aluguel fora, ia ter uma vida, não é mesmo? Como é que cê vai ter uma vida numa condição de miséria? Só quando não tem jeito, não tem alternativa, vai fazer o quê? Mas aí, também, fez com que a gente começasse a se organizar.

Quando papai me contou essa história, que um moço tinha oferecido um outro lugar pra ele, mas desde que ele fizesse uma casa melhor, talvez tenha sido aí que começou o meu espírito de luta, né? Coisa horrível isso né? Você não dar uma condição melhor pro outro, porque ele é pobre, o que é que é isso? Então a Vila Planalto não tem uma história muito longa de organização. A primeira foi a Associação de Moradores, criada por volta de 80, 81. Organizaram um grupo grande: Nogueira, Carlos Sobrinho, Dona Vanda, Maria do Chapéu. Esse grupo já tava começando a se organizar por causa das injustiças que aconteciam, como derrubar as casas, assim, sem nenhum motivo e também pra tentar reivindicar os direitos de cada um aqui.

Aí foi quando eu comecei a despertar. A Soberana morava próximo à Rua Nova, meu primeiro contato de luta foi com ela. Mas eu tava estudando ainda, trabalhando em lojas como Lojas Americanas, Brasileiras, na Sears, na Clínica de Psicodrama, um monte de lugar. Eu era de menor quando comecei a trabalhar. Eu não tinha muito tempo e também não tava, assim, amadurecida. Ia numa reunião, noutra, mas era muita briga sabe? Tinha reuniões de pessoas saírem no tapa, briga de cadeirada mesmo, quebra-quebra. Porque aqui acontece uma coisa interessante: você tem todo tipo de pessoas, você tem pessoas ricas, você tem pessoas muito pobres, pessoas mais ou menos, você tem todo tipo aqui na Vila Planalto. Política é uma coisa, você sabe, e aqui na Vila não é diferente. Tem pessoas que só querem aparecer, mas não fazem nada, não trazem um benefício pra comunidade. Hoje é que eu percebo isso, os que querem aproveitar de alguma situação pra arrumar um empreguinho pra eles, pro filho, pra irmã, esse tipo de coisa. Ai um jogava cadeira no outro, aquele negócio. Eu ficava com muito medo, eu participava, mas ficava com muito medo de entrar mesmo, porque era desagradável aquela briga. Eu não queria uma representação não, mas a Soberana me disse: “Mas você já faz isso!” Porque o pessoal já ia tudo lá em casa direto. Tinha dia que eu tive que aplicar dez, 15 injeções de manhã, de tarde, com horário e tudo. Porque, como aqui não tinha farmácia, o pessoal ia tudo lá e ela conseguiu me convencer.

A condição que a gente morava também me levou a me candidatar ao Conselho Comunitário. Com o tempo, a gente vai morando, a gente vai vendo. Eu fui vendo que a situação era muito ruim. Nossa! Tinha o maior esgoto ali! A gente começou a conversar com os moradores pra ver se a gente se organizava pra buscar água. A gente se organizou, buscamos a água em conjunto. E também pra ver se a gente fazia uma canalização no fundo desse esgoto pra ver se o pessoal não ficava mais com diarreia, essas coisas, quando viesse a chuva.

Teve um grupo chamado GT-Brasília, com a Fundação Nacional pró-Memória, o Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal e a Universidade de Brasília. Eles fizeram um levantamento de vários acampamentos pioneiros em Brasília e estiveram aqui na Vila Planalto, também, trabalhando em conjunto com a comunidade. Esse grupo começou a mostrar pra gente que aqui a gente tinha uma coisa importante, que a gente tinha que valorizar, que era a história viva, as pessoas que construíram Brasília. Às vezes você sabe, você tem, mas você não desperta, tem que vir uma pessoa pra mostrar, “tá acontecendo isso.” E quando esse grupo começou a fazer esse trabalho aqui, foi que me despertou o patrimônio. A gente viu que poderia ser um caminho mesmo, pra gente ficar aqui. A Associação dizia que eles estavam aqui pra nos tirar entendeu? Disseram que tinha um grupo do governo, aqui, com intenção de nos tirar daqui, de nos expulsar daqui. Ai os integrantes do GT começaram a fazer reuniões com as assistentes sociais no CEBEM, nos acampamentos, nas casas, onde colocavam claramente as intenções, os objetivos, porque e pra que eles estavam aqui e aí foi mudando.

O Grupo das Dez foi o canal que o GT-Brasília encontrou para chegar até à comunidade, porque a Associação

não abriu esse canal, ela distorcia a intenção do grupo aqui. A comunidade se engajou nisso, a luta, que era o caminho dela caçando um caminho, embarcou nisso até hoje. O Grupo das Dez foi o baluarte desse assentamento. Elas que iam lá, ficavam de dia, de noite, de madrugada, para ter decreto assinado. Como a Associação brigava muito com a Prefeitura, o GT sugeriu que se criasse um Conselho Comunitário, que tinha representações por acampamento, de acordo com o número de pessoas moradoras dali. A cada 100 pessoas teria uma como representante. Então, o acampamento maior, como era o DFL, tinha dois representantes. A Rabelo tinha dois representantes, o Alojamento de Solteiros um.

O GEAP, Grupo Executivo de Assentamento e Preservação da Vila Planalto-DF, tinha um trabalho participativo. Só que esse tipo de trabalho nem sempre é reconhecido nem bem aceito. Existe, às vezes, intenção clara, do próprio governo, de denegrir esse tipo de trabalho. O GEAP fazia tudo, mas ele não tinha estrutura pra fazer tudo e, assim, foi muito difícil. A gente teve que brigar, a gente teve que fazer passeata. Que coisa difícil! As pessoas não nos recebiam, os Secretários não nos recebiam. A intenção era que não saísse do papel. Quer dizer, o GEAP começou a fazer as coisas empurrado: a gente ficava atrás: “Tem que fazer isso, tem que fazer aquilo.” Era tudo sob pressão. Existia um decreto e a gente fazia esse decreto ser cumprido. Em quatro anos, o que se conseguiu? Quase toda a infra-estrutura – coisa rara nesse país – com quatro anos de administração; comunidade junto com o governo: água, rede de esgoto, escola e hospital, centro de saúde. Como o GEAP era ligado diretamente ao gabinete do governador, não adiantava dizer que não tinha poder político, que deveria se buscar outro setor, outra Secretaria para assumir seu lugar, quando as coisas não andavam mais depressa. O DePHA deu um arquiteto que fazia as plantas do jeito que a pessoa queria. Eu acho que o DePHA fez o papel dele, assim. Mas só que era uma pessoa no meio de todo o grupo, depois com todos estes problemas de dinheiro, eu acho que ele não podia fazer diferente.

O tombamento da Vila Planalto como patrimônio histórico, em 1988, é que fez com que nós ficássemos aqui; que o meu pai, que chegou por volta de 1956, não tenha sido mandado pra Brásilia... Nós somos pobres e sempre moramos aqui pertinho, no centro, e se temos condições de morar aqui, isso só acontece por causa do tombamento. Você pode observar minha casa, ela foi feita dentro dos parâmetros estabelecidos de preservação. E eu espero que o tombamento nunca acabe. O que faz com que essas pessoas morem aqui juntas, um juiz, um secretário de estado, eu, meu pai, uma vizinha que não ganha nem um salário mínimo? Então, por isso, que eu defendo o tombamento.

Eu estudava lá, na cidade de Gonzaga, desde pequenininha... E na minha sala só tinha eu e um garoto que éramos de cor. Então, até os próprios professores não nos respeitavam, né? Hoje em dia, com o seu trabalho, como a luta por melhorias e tudo, é uma luta constante, é luta de sobrevivência mesmo. Luta de ser pessoa, de ser mulher. É uma luta né? E aí vão acontecendo as coisas, e tudo que acontece as pessoas vão lhe respeitando...

Eu adoro Brasília. Eu cheguei aqui muito pequena, não é? Fiquei moça aqui, estudei aqui, não quero sair daqui, quero ser enterrada aqui. Eu gosto de Minas pra passear, tenho parentes, mas para morar é Brasília. Eu adoro isso aqui, principalmente Vila Planalto, não quero sair daqui nunca! Quero morar nessa casa até morrer!

(23) Entrevista realizada em 1993. Fotografia de Marta Litwinczyk Sinoti. 1993.

(24) Espécie de bairro do Núcleo Bandeirante. Região Administrativa do DF, oriundo de acampamento de operários.

Organização
Arte e capa
Ilustração da capa
Digitação

Nancy Alessio Magalhães, Marta Litwinczik Sinoti
Eder Siqueira Coelho
Show de improvisação com violão, óleo sobre tela, 1996, de Gerson de Castro
José Guimarães de Freitas

Entrevistas:

Entrevistadores

Nancy A. Magalhães, José Walter Nunes, Teresa Ma. Cotrim de Paiva-Chaves, Amilton O. Mathias, Darcylene F. Lima, Izabela F. B. Ferreira, José Carlos M. da Glória, Eduardo Flávio Oliveira Ribeiro, Maria Beatriz A. Nogueira, Maria Carmem C. Magalhães, Marta L. Sinoti, Nívea Maria Silveira dos S. Timboni, Virgínia Litwinczik, Carlos Henrique Bittencourt, Marcos Antônio da Conceição.

Transcrição

Marta L. Sinoti, Darcylene F. Lima, José Carlos M. da Glória, Maria Beatriz A. Nogueira, Maria Carmem C. Magalhães, Nancy A. Magalhães, Nívea Maria S. dos Santos Timboni, Izabela F. Braga Ferreira, Virgínia Litwinczik, Viviane T. K. do Espírito Santo, Carolina Nogueira Rodrigues, Edyr Resende Fleischer, Amilton Osmail Matias, Antônio Marcos da Conceição, Éverton de Freitas Marques, Israel Ferreira dos Santos, Renata Rios, Pedro R. Mandai.

Digitação

Litza Machado e Melo, Carlos Henrique Bittencourt, Virgínia Litwinczik, José Guimarães de Freitas, Darcylene F. Lima, Pedro R. Mandai, William Carson Mendes, Renata Rios, Natália Guerra Brayner.

Financiado pelo Edital 2000 do Decanato de Extensão/UnB.
Apoio na gravação das entrevistas em vídeo: FAP-DF e IPHAN 14ª CR.

ISBN 85-230-0633-8



9 788523 006334



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

CEAM-NECOIM

**DECANATO DE
EXTENSÃO**

DEPHA

Diretoria de
Patrimônio
Histórico e
Artístico do DF



**Secretaria
de Estado
de Cultura**

GDF

**GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SOLIDARIEDADE E TRABALHO**